

U. PORTO



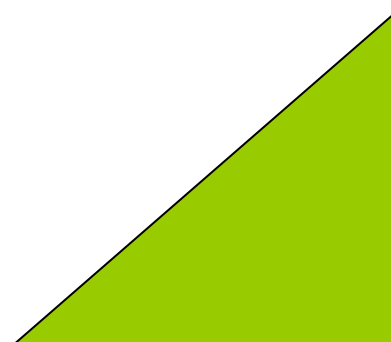
FACULDADE DE DESPORTO
UNIVERSIDADE DO PORTO

A importância dos lances de bola parada (livres, cantos e penaltis) no Futebol de 11.

Análise de situações finalizadas com golo na 1ª Liga Portuguesa 2005/06 e no Campeonato do Mundo'2006.

Nuno Gabriel Saraiva Rocha da Cunha

Porto, 2007



A importância dos lances de bola parada (livres, cantos e penaltis) no Futebol de 11.

Análise de situações finalizadas com golo na 1ª Liga Portuguesa 2005/06 e no Campeonato do Mundo'2006.

Monografia realizada no âmbito da disciplina de Seminário do 5º ano da Licenciatura em Desporto e Educação Física, na área de Desporto de Rendimento - Futebol, da Faculdade de Desporto da Universidade do Porto

Orientador: Prof. Doutor Júlio Garganta

Nuno Gabriel Saraiva Rocha da Cunha

Porto, 2007

Ficha de Catalogação

Cunha, N. (2007). A importância dos lances de bola parada (livres, cantos e penaltis) no Futebol de 11. Análise de situações finalizadas com golo na 1ª Liga Portuguesa 2005/06 e no Campeonato do Mundo'2006. Porto: N. Cunha. Dissertação de Licenciatura apresentada à Faculdade de Desporto da Universidade do Porto.

PALAVRAS-CHAVE: FUTEBOL – BOLAS PARADAS - PONTAPÉ LIVRE (LIVRE) – PONTAPÉ DE CANTO (CANTO) – PONTAPÉ DE GRANDE PENALIDADE (PENALTI)

AGRADECIMENTOS

Ao **Prof. Doutor Júlio Garganta**, pela disponibilidade, ajuda, orientação e sabedoria que me permitiram a realização deste trabalho.

A todos os **Professores** que tive o prazer de ser leccionado nesta Faculdade, que me ajudaram a adquirir um conjunto de conhecimentos essenciais para o meu futuro. Um agradecimento especial aos Professores do gabinete de Futebol que muito me permitiram aprender e reflectir sobre este Desporto. A diversidade de opiniões acaba por nos tornar mais competentes na escolha do nosso caminho.

À **Faculdade de Desporto** por me ter feito crescer em todos os aspectos. Nem sempre temos noção da sua importância mas acabamos por a obter. Por todos os conhecimentos adquiridos e mesmo aqueles que me foram possibilitados adquirir, o meu muito obrigado.

Aos **meus pais**, por tudo. Pelo apoio que sempre me transmitiram nos bons e nos maus momentos, por todos os sacrifícios efectuados para me permitirem alcançar este objectivo. Sei que continuarei a contar sempre com o vosso apoio para conseguir atingir os meus objectivos e por isso muitíssimo obrigado.

A todos os **meus familiares**, por todo o apoio e por serem como são. Sem dúvida que a união faz a força.

Aos meus **colegas**. Obrigado pelos bons momentos passados na vossa presença, pelos ensinamentos, discussões e convívio que tanto me fizeram evoluir, e também pelas noitadas, que nos permitiram descontrair e evoluir em termos pessoais. Muitos para além de colegas tornaram-se amigos e certamente ainda iremos aprender muito uns com os outros.

Ao **Futebol Clube de Paços de Ferreira** por me ter aceite para realizar ali o Centro de Treino e pelos convites posteriores. A todos os treinadores, jogadores dirigentes o meu obrigado por me terem recebido tão bem e desenvolvido, ainda mais, o meu gosto pelo Futebol e consequente estudo acerca dele.

ÍNDICE GERAL

Agradecimentos	V
Índice Geral	VII
Índice de Figuras	IX
Índice de Quadros	IX
Resumo	XI
1. INTRODUÇÃO	1
2. REVISÃO DA LITERATURA	3
2.1. A preocupação em jogar... ou em não deixar jogar.	3
2.2. Espaço e tempo: constrangimentos preponderantes no desenrolar do jogo.	6
2.3. Definição de lances de bola parada e aspectos a considerar na sua execução.	10
2.3.1. Pontapés – Livres	12
2.3.1.1. Pontapé - Livre Directo	12
2.3.1.2. Pontapé - Livre Indirecto	15
2.3.2. Pontapés de Canto	18
2.3.3. Pontapé de Grande Penalidade (Penalti)	21
2.4. Treinadores, adeptos, jornalistas... e a constante referência aos lances de bola parada.	23
2.5. A importância dos lances de bola parada, na obtenção de golos.....	24
2.6. A importância da Análise de Jogo, nas decisões do treinador.....	30
2.7. Decisão por penaltis: Treino, lotaria... ou supressão da pressão.....	33
3. METODOLOGIA	39
3.1. Objectivo Geral	39
3.2. Objectivos específicos	39
3.3.. Caracterização da amostra	40
3.4. Observação e registo de dados	41
3.5. Explicitação das variáveis em estudo	41
3.6. Fiabilidade da observação	44
3.7. Procedimentos estatísticos	45

4. APRESENTAÇÃO E DISCUSSÃO DOS RESULTADOS	47
4.1. A eficácia dos lances de bola parada	47
4.2. A eficácia dos lances de bola parada, na obtenção de golos nos jogos de Futebol	49
4.3. A prevalência dos vários tipos de lance de bola parada (livres, cantos e penaltis) na obtenção de golos nos jogos de Futebol	51
4.4. A prevalência dos vários tipos de lance de bola parada (livres, cantos e penaltis), tendo em atenção o número de toques na bola, necessários na obtenção de golos nos jogos de Futebol	53
4.5. A Preferência Lateral do jogador que executa a marcação do pontapé de canto, como factor de obtenção de golos, nestes lances.	54
4.6. A marcação do pontapé livre por um dextro ou um esquerdino, como factor de obtenção de golos, nestes lances.	56
4.7. A prevalência dos pontapés de canto, no que concerne ao tipo de execução e zona de finalização.	57
4.8. A eficácia dos lances de bola parada, tendo em conta o resultado aquando da obtenção do golo.	61
4.9. A eficácia dos lances de bola parada, tendo em conta diferentes fases do campeonato.	62
4.10. Tempo de jogo em que ocorrem os golos através de lances de bola parada	64
5. CONCLUSÕES	67
6. SUGESTÕES PARA FUTURAS INVESTIGAÇÕES	69
7. REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS	71

ÍNDICE DE FIGURAS

Figura 1 – Tipo de Pontapé de Canto executado. -----	42
Figura 2 – Tipo de arco imprimido à bola na execução de um Pontapé de Canto. -----	43
Figura 3 – Zona de queda da bola na execução de um Pontapé de Canto. ---	44
Figura 4 – A Preferência Lateral do jogador que executa a marcação do Pontapé de Canto, como factor de eficácia nestes lances. -----	55
Figura 5 – Análise da preferência lateral do jogador que executa a marcação do Pontapé de canto do lado direito e do lado esquerdo do sentido do ataque, no Campeonato do Mundo 2006. -----	55
Figura 6 - Análise da preferência lateral do jogador que executa a marcação do Pontapé Livre do lado direito e do lado esquerdo do sentido do ataque, na I Liga Portuguesa. -----	56
Figura 7 – Análise da preferência lateral do jogador que executa a marcação do Pontapé Livre do lado direito e do lado esquerdo do sentido do ataque, no Campeonato do Mundo 2006. -----	57
Figura 8 – Análise da eficácia dos Pontapés de Canto, no que concerne ao tipo de marcação e zona de queda da bola, na I Liga Portuguesa. -----	58
Figura 9 – Análise da eficácia dos Pontapés de Canto, no que concerne ao tipo de marcação e zona de queda da bola, no Campeonato do Mundo 2006. ----	59

ÍNDICE DE QUADROS

Quadro 1: Golos obtidos no Campeonato do Mundo de 2002 -----	28
Quadro 2 – Jogos observados e número de lances de bola parada analisados. -----	40
Quadro 3 – Percentual de acordos encontrado para cada uma das variáveis.	45
Quadro 4 – Frequência e percentagem de golos de bola parada e de bola corrida na I liga e no Campeonato do Mundo de 2006. -----	47

Quadro 5 – Frequência e percentagem de jogos em que ocorreram golos de bola parada e nos que não ocorreram na I Liga e no Campeonato do Mundo de 2006. -----	49
Quadro 6 – Frequência de golos que ocorrem através dos vários tipos de lances de bola parada analisados (livres, cantos e penaltis) na I liga e no Campeonato do Mundo de 2006. -----	51
Quadro 7 – Número de toques na bola realizados para a obtenção de golos através dos vários tipos de lances de bola parada analisados (livres, cantos e penaltis) na I liga e no Campeonato do Mundo de 2006. -----	53
Quadro 8 – Arco imprimido à bola aquando da marcação dos pontapés de canto, durante a I Liga Portuguesa e o Campeonato do Mundo de 2006, bem como a zona da queda da bola. -----	60
Quadro 9 – Determinação da forma como o golo alcançado através de um lance de bola parada, modificou o resultado que se encontrava até aquele momento, quer na I Liga Portuguesa, quer no Campeonato do Mundo 2006 (várias fases). -----	61
Quadro 10 – Percentagem e número de golos marcados através de lances de bola parada ao longo das várias fases do Campeonato do Mundo de 2006.---	62
Quadro 11 – Número de golos marcados através de lances de bola parada na I Liga Portuguesa e no Campeonato do Mundo de 2006, tendo em conta o tempo de jogo em que ocorrem. -----	64

RESUMO

O Futebol tem vindo a sofrer alterações ao longo dos anos que condicionam a importância de diversos factores no desenrolar do jogo, devendo por isso as pessoas ligadas a este desporto estar atentas às suas mudanças.

Muitas pessoas referem que o Futebol actual está mais intenso do que há anos atrás, o que acaba por se reflectir no elevado número de faltas que ocorrem.

O presente estudo centra-se na análise de livres, cantos e penaltis em Futebol, de modo a destacar a importância que este tipo de ocorrências têm para o jogo, nomeadamente para a obtenção de golos no Futebol actual. A forma como ocorreram são um aspecto a analisar.

A amostra integra 115 golos. 70 golos obtidos através de lances de bola parada, observados e registados a partir de 92 jogos da 2ª Volta da I Liga Portuguesa 2005/2006, bem como os 45 golos obtidos na sequência destes lances dos 54 jogos do Campeonato do Mundo de Futebol 2006, observados e previamente gravados através dos canais de televisão TVI, SIC, RTP e SPORT TV. Durante o visionamento dos jogos procedeu-se ao registo dos resultados de cada variável, em estudo, numa ficha elaborada para o efeito. Foi também atestada a fiabilidade intra-observador.

Uma percentagem de golos de 36% na I Liga Portuguesa e de 35% no Campeonato do Mundo evidencia a importância destes lances para a obtenção de golos que se regista actualmente. Na maioria dos jogos observados ocorreram golos na sequência de lances de bola parada, tendo os pontapés livres registado os valores mais expressivos. Um reduzido número de toques, nestes lances, revela-se mais favorável à obtenção de golos.

Os lances de bola parada permitiram na maioria das vezes que a equipa se colocasse em vantagem no marcador e na I Liga foram registados com maior frequência nas partes finais de cada parte.

A importância destes lances, verifica-se nas fases mais adiantadas de uma competição como o Campeonato dos Mundo, em que a percentagem de golos obtidos é bastante elevada.

PALAVRAS-CHAVE: FUTEBOL – BOLAS PARADAS - PONTAPÉ LIVRE (LIVRE) – PONTAPÉ DE CANTO (CANTO) – PONTAPÉ DE GRANDE PENALIDADE

1. INTRODUÇÃO

O Futebol é um desporto colectivo que mobiliza milhões de pessoas, quer como praticantes, quer como adeptos.

De acordo com Garganta (1997:21) “O Futebol é um Jogo Desportivo Colectivo que ocorre num contexto de elevada variabilidade, imprevisibilidade e aleatoriedade, no qual as equipas em confronto, disputando objectivos comuns, lutam para gerir em proveito próprio, o tempo e o espaço, realizando em cada momento, acções reversíveis de sinal contrário (ataque ↔ defesa) alicerçadas em relações de oposição↔cooperação.”

Destas relações que se estabelecem durante um jogo está sempre presente o objectivo do Futebol: o golo. Quem defende tenta impedi-lo e quem ataca procura alcançá-lo. Mas cada vez se torna mais difícil alcançar o golo. De acordo com Pinto & Garganta (1998), a relação entre acções de ataque e êxitos quantificáveis é, em média, de 50 para 1. Este aspecto poderá ser resultado de uma observação efectuada por Garganta (2004) segundo o qual, mesmo a alto nível, registam-se cerca de 120 interrupções de jogo (uma em cada 45 segundos).

Tal faz com que um dos grandes problemas do jogo de futebol, consista em conseguir oportunidades de finalização (Castelo, 1992; Garganta, 1997).

Mas o elevado número de faltas que ocorrem durante o jogo, pode e deve ser um aspecto ao qual se deve dar grande importância, para que se consigam oportunidades de finalização. Até porque, segundo Jinshan et al. (1993) e Garcia (1995), numa análise efectuada à forma como foram obtidos os golos em vários Campeonatos do Mundo, verifica-se o aumento do número de golos obtidos a partir das fases estáticas (lances de bola parada): 26% em Espanha 1982; 28% no México 1986; 32% em Itália 1990 e 39% no USA 1994. Hughes (1990) e Miller (1994) vão mais longe, e referem-se aos lances de bola parada (LBP) como o factor singular mais importante para a obtenção de golos e, consequentemente, para alcançar a vitória.

Torna-se, por isso, pertinente efectuar um estudo acerca do que se passa actualmente no que se refere aos lances de bola parada no Futebol.

O presente estudo centra-se na análise de pontapés livres, cantos e penaltis em Futebol, de modo a destacar a importância que este tipo de ocorrências tem para o jogo, nomeadamente para a obtenção de golos no Futebol actual. A forma como ocorreram são um aspecto a analisar.

A identificação de factores que poderão estar na origem do sucesso ou insucesso dos lances de bola parada poderá contribuir para a melhoria da qualidade do treino e consequentemente do jogo.

Pretende-se, desta forma, contribuir para que se perceba melhor se o número de golos decorrentes dos lances de bola parada, tem continuado a aumentar e efectuar uma análise ao que se passa actualmente em Portugal, bem como ao último Campeonato do Mundo (Alemanha'06). Para além de uma análise quantitativa aos golos obtidos através de lances de bola parada, efectuar-se-á também uma análise qualitativa. Esta fase será realizada através de uma análise mais pormenorizada do modo como foram obtidos todos os golos analisados.

Espera-se, assim, conseguir contribuir para um melhor esclarecimento acerca deste tema.

2. REVISÃO DA LITERATURA

2.1. A preocupação em jogar... ou em não deixar jogar.

“Desde a primeira luta caótica até ao espectáculo civilizado (bem, quase) destes dias.” Valdano (1997:15)

O Futebol é um jogo que implica confronto entre duas equipas e cooperação entre os elementos da mesma equipa (Pinto & Garganta, 1998).

Segundo Garganta (1997), o Futebol é um jogo entre duas equipas, que competem entre si, tentando ultrapassar a oposição dos adversários no sentido de se aproximar da baliza, rematar e marcar golo, tratando-se desta forma, de uma luta incessante pelo tempo e pelo espaço.

Mas a evolução tem ocorrido no sentido de, cada vez mais, as principais preocupações estarem voltadas para os aspectos defensivos, invertendo o objectivo do jogo, que deixa de ser o de marcar golo, para passar a ser impedir que a equipa adversária o consiga fazer.

Bate (1987) afirma que o Futebol profissional tem como foco a vitória sobre os adversários, apesar de por vezes isso ser prejudicial para o espectador.

Tal como refere Garganta (1993) o facto das equipas recorrerem cada vez mais a sistemas e esquemas tácticos cada vez mais defensivos, vai influenciar em muito a falta de qualidade e espectacularidade do jogo.

Preocupam-se muito em não sofrer golos, tudo fazendo para não deixar o adversário marcar, até porque como afirma Amieiro (2005:71) “No jogo, defender é só meio caminho... A parte mais fácil do caminho.”. Ainda segundo o mesmo autor, muitas equipas têm quase como único objectivo defender, tentando através de todos os meios não sofrer golos, dando origem a uma elevada quantidade de faltas no futebol português.

Santos & Coelho (2004), num estudo realizado acerca das situações que concorrem para o “Tempo Não Jogado” no contexto da I Liga do Futebol

Português, referem que é devido ao elevado número de interrupções de jogo, das quais se destacam as situações de falta, que se registou um elevado “Tempo Não Jogado” nos jogos observados. Outra das conclusões é que o tipo de interrupções de jogo apresenta uma variância nas suas características, quando relacionadas com as zonas de campo e o resultado.

Valdano (1997:25) cita uma frase de Paolo Maldini que afirmou “não se pode jogar a dar «patadas» mas há «patadas» que não podem deixar de se dar.”. E se um defesa com a qualidade de Maldini é obrigado a recorrer à falta, tomemos atenção aqueles defesas que não têm a sua qualidade e que têm de tentar “parar” um adversário que actue na sua zona de acção e que seja bastante forte no 1x1, ou a criar outro tipo de desequilíbrios. Muitos deles não exitam em recorrer constantemente à falta, pois como afirma Valdano (1997:22) “Para jogar a não deixar jogar qualquer jogador é bom, até um mau.”. Garganta (2004) refere que mesmo a alto nível, se verificam cerca de 120 interrupções de jogo (uma em cada 45 segundos), e que os jogadores pertencentes ao sector avançado, das poucas vezes que intervêm directamente sobre a bola, cerca de metade dão origem a infracções sancionadas pelo árbitro, não se referindo às outras situações em que se dá a lei da vantagem. Ainda segundo o mesmo autor, o tempo de jogo, mesmo nos confrontos de alto nível cerca de 40 minutos são "despendidos" nas inúmeras paragens de jogo.

Valdano (1997) salienta um aspecto, na sua opinião bastante importante no jogo de Futebol actual, que é o facto de hoje em dia ninguém querer mandar no jogo. De seguida revela uma ideia que lhe foi transmitida por Marcelo Bielsa (treinador argentino) que disse que a maioria das equipas preferem ceder a iniciativa.

Lourenço (2004:149) cita uma declaração de Mourinho, após um jogo “Foi uma daquelas partidas que deixa frustrados os amantes do Futebol. Como espectáculo não existiu, foi deprimente. Houve muitas paragens, muitas faltas, o que tornou o jogo muito feio. O Boavista não foi às Antas, nem para jogar futebol, nem para deixar jogar Futebol. Nós não conseguimos superar essa situação e realizámos, quanto a mim, o pior jogo da época.”.

Todos estes obstáculos que são colocados a uma equipa fazem com que um dos grandes problemas do jogo de Futebol, consista em conseguir oportunidades de finalização (Castelo, 1992; Garganta, 1997).

Garganta (1998) vai também de encontro a esta ideia, afirmando que o grande problema dos Jogos Desportivos Colectivos (entre os quais se encontra o Futebol) é, coordenar as acções com a finalidade de recuperar, conservar e fazer progredir a bola, tendo como objectivo criar situações de finalização e marcar golo.

O elevado número de faltas que se verifica em muitos jogos, faz com que muitas vezes se possa ouvir, mesmo em conversas de “café”, as pessoas discutirem o anti-jogo provocado por muitas equipas, estando constantemente a recorrer à falta para desta forma travar as acções ofensivas adversárias. E citando Valdano (1997:30) “Para construir uma casa tenho de ir 5 anos à universidade, para destruí-la só necessito de um martelo...”.

Torna-se fulcral encontrar soluções para tentar ultrapassar este problema da criação de situações de finalização, até porque, como refere Castelo (1994) a finalização desenrola-se numa zona restrita do terreno onde a pressão dos adversários é elevada (defesas agressivas e pressionantes) e o espaço de realização é distinto (equipas compactas e organizadas), sendo assim necessário que o ataque encontre soluções para levar de vencida a defesa adversária.

Pode-se verificar que nestes últimos Campeonatos do Mundo o número de golos tem-se tornado cada vez mais baixo. Segundo estatísticas da FIFA (2006) foram marcados 147 golos nas 64 partidas do Campeonato do Mundo da FIFA Alemanha 2006, o que produziu uma média de 2,29 golos por jogo. Nos outros dois torneios que contiveram 64 jogos, foram alcançados 171 golos em 1998 (média de 2,61) e 161 em 2002 (média de 2,52).

Silva (2004) reporta que apenas 13% das posses da bola terminam com um remate à baliza e 0,6% resultam em golo, indo deste modo os resultados de encontro aos de Dufour (1991) que refere que 90% das posses de bola no Futebol terminam sem um remate à baliza.

Verifica-se, por exemplo, que numa modalidade como o Basquetebol, uma elevada percentagem dos ataques efectuados termina com a concretização de um cesto, enquanto que num jogo de Futebol apenas 1% dos ataques culmina com a obtenção de um golo (Sleziewski, 1987; Dufour, 1989; Garganta, 1997). É essencial aproveitar os lances de bola parada que a equipa adversária provoca, para impedir que o adversário crie situações de finalização e sequente finalização. Essas faltas, devem antes pelo contrário tornarem-se numa boa hipótese para a equipa que delas beneficia tentar finalizar. Neste sentido justifica-se que um dos aspectos a ser cada vez mais tido em consideração seja o aproveitamento de lances de bola parada, para que se tente atingir o objectivo pretendido.

Tendo em consideração que o equilíbrio entre equipas é maior devido a, hoje em dia, os clubes terem melhores condições em termos de instalações desportivas que permitem aos treinadores prepararem e realizarem os treinos de forma mais correcta, segundo as suas perspectivas de como se deve jogar, bem como a organização da maioria dos clubes ser cada vez mais cuidadosa. Estes factores que se verificam nos tempos actuais levam a que o resultado final, muitas vezes, seja decidido através de aspectos considerados pormenores, mas que se revelam essenciais para decidir um jogo. Colocamos, portanto, entre estes aspectos os lances de bola parada.

2.2. Espaço e tempo: constrangimentos preponderantes no desenrolar do jogo

Dois constrangimentos importantes no Futebol e que por isso devem ser tidos em consideração, são o espaço e o tempo de jogo.

Para Garganta (1997:21) “O Futebol é um Jogo Desportivo Colectivo que ocorre num contexto de elevada variabilidade, imprevisibilidade e aleatoriedade, no qual as equipas em confronto, disputando objectivos comuns, lutam para gerir em proveito próprio, o tempo e o espaço, realizando em cada

momento, acções reversíveis de sinal contrário (ataque ↔ defesa) alicerçadas em relações de oposição↔cooperação.”

O espaço no futebol, está limitado por um conjunto de linhas, que limitam um espaço a jogar e impõem regras às quais os jogadores têm de obedecer.

Pinto (2004) faz referência há preocupação com o Espaço de Jogo (EJ), entendendo-o como o espaço que o jogador em posse de bola no imediato pode utilizar. O objectivo do ataque é aumentar o EJ, sendo o da defesa exactamente o contrário. A defesa consegue alcançar esse objectivo, se a contenção/pressão ao portador da bola for mais elevada, uma vez, que ao lhe reduzir o espaço, conseqüentemente, reduz-lhe a capacidade de leitura de jogo, porque o jogador tem que aumentar a preocupação em não perder a bola. Segundo Garganta (1997), pode-se efectuar uma divisão longitudinal e transversal do terreno de jogo, através de zonas não assinaladas fisicamente no terreno. Essa divisão será a seguinte: a) longitudinalmente, ou ao comprimento do terreno de jogo, sendo normalmente designados por corredores (1 corredor central, situado no eixo das balizas; 2 corredores periféricos ou laterais, contíguos ao corredor central, um do lado esquerdo outro do lado direito); b) transversalmente, ou à largura do terreno de jogo, sendo habitualmente designados por sectores (defensivo, intermédio e ofensivo).

Para Silva (2004) existem muitos aspectos que têm sido relacionados com o espaço de jogo, entre os quais se encontra a finalização do processo ofensivo. Esta preocupação reflecte a importância atribuída a este elemento (espaço) no desenvolvimento da acção de jogo no Futebol.

Para quem ataca, o espaço mais importante é o corredor central, já para quem defende este é o espaço mais perigoso. Para o ataque, os corredores laterais devem ser encarados como uma segunda opção, utilizada em caso de não haver espaço no corredor central. Para a defesa, é um objectivo, empurrar o ataque para os corredores laterais. Deve este ser um factor a ter em consideração na marcação dos lances de bola parada, pois consoante são marcados mais perto da área ou mais longe, ou se são mais laterais ou

centrais implicarão diferentes tipos de execução dos mesmos de forma a se conseguir atingir o golo, na sequência destes lances.

O espaço do terreno de jogo, não tem todo a mesma importância, tal como refere Ortega (2000, cit. por Silva, 2004) que encontrou uma relação entre o espaço ou zona de terreno de jogo, a zona de transmissão da bola e o tipo de interrupções do jogo.

O espaço de jogo tem também uma influência muito elevada nos lances de bola parada, no que diz respeito ao número de elementos que se irão colocar na barreira, na forma como o livre deverá ser executado e no número e colocação de jogadores para a marcação desse livre.

Outro aspecto essencial na sociedade e bem definido num jogo de futebol é o tempo disponível para ocorrer o jogo.

Franks & McGarry (1996) incluíram o Futebol nos designados jogos dependentes do factor tempo (*time-dependent*), em contraste com outros desportos como, por exemplo, o Voleibol e o Ténis que estão dependentes do factor resultado (*score-dependent*).

O tempo tem uma importância no decorrer do jogo, que afectará, muitas vezes, as diferentes tomadas de decisão por parte de uma equipa, consoante o jogo se encontra mais perto do início ou do fim, e o resultado que se encontra naquele momento.

Como referem Silvério & Srebo (2002) o Futebol exige que os jogadores estejam concentrados durante 90 minutos, que é a maior dificuldade do jogador profissional transformando o jogo num dos jogos com bola mais difíceis.

Também Valdano (1997:17) acerca deste tema afirma que "...cada lugar do campo tem a sua velocidade e a sua complexidade."

Nos lances de bola parada, o factor tempo dá a possibilidade e a oportunidade de os jogadores se posicionarem em espaços que maximizem as suas potencialidades (Técnicas-tácticas-físicas) específicas, na procura constante de os colocar em condições favoráveis para a concretização do golo.

O tempo necessário para a execução dos lances de bola parada, é suficiente para se poder reajustar as posições, as distâncias, a concentração psíquica dos jogadores e para se prepararem para a respectiva execução. Não se deve

perder a oportunidade de se repor rapidamente a bola em jogo, mesmo que o dispositivo fixo não esteja ainda totalmente concretizado, desde que se tirem maiores vantagens de uma desconcentração da equipa adversária.

Isto determina que os jogadores escalonados para as várias soluções táticas de bola parada, devem rentabilizar ao máximo a reposição de bola em jogo, beneficiando de uma menor atenção do adversário (Castelo, 1994).

Um jogo de Futebol desenrola-se, tendo nesta comunicação entre espaço e tempo um factor importante.

Segundo Tavares (1997) o espaço e o tempo físico do jogo são “instituídos pela interacção entre jogadores, pois só esta lhe dá significado, e instituintes dessa mesma interacção”. A divisão do espaço de futebol em zonas diferenciadas, constroem diferentes expectativas e regularidades para cada um (jogadores).

Já Comucci (1983) refere-se a esta ligação que se estabelece entre tempo e espaço, afirmando que tendo mais espaço disponível, tem-se também mais tempo para decidir e optar pela melhor solução.

De acordo com Tavares (1997:12) “Cada movimento dos jogadores no campo constrói as coordenadas comunicacionais de espaço-tempo, pois estas fazem parte do fazer e não do feito, constituindo-se através de acções performativas.”. Podemos observar a referência a este tipo de relação, a qual é partilhada por Faria & Tavares (1996) considerando como invariante a vertente espacial do movimento, já a manipulação do tempo irá propiciar subtilezas de comportamento que determinam a eficácia dos comportamentos de adaptação, e que terão uma influência determinante na vitória ou derrota.

Verificou-se desta forma a influência que o espaço/tempo possuem no desenrolar do jogo, já que espaços diferentes de jogo em momentos diferentes assumem valores diversos.

2.3. Definição de lances de bola parada e aspectos a considerar na sua execução.

Não existe um consenso quanto à denominação deste tipo de lances entre vários autores. Para uns são denominados de fases estáticas (Sledziewski & Ksionda, 1983; Mombaerts, 1991), mas são também designados por fragmentos constantes do jogo (Sledziewski & Ksionda, 1983; Wrzos, 1984, cit. por Garcia, 1995), partes fixas do jogo (Teodorescu, 1984), acções estratégicas (Garcia, 1995), lances de bola parada (Castelo, 1994; Garganta, 1997) isto é, pontapés de canto, livres, penaltis, lançamentos de linha lateral, pontapé de saída e pontapé de baliza.

No nosso caso, optou-se pela definição de lances de bola parada, pois é a que permite a um maior número de pessoas compreender do que se trata o tema que se estudou. É bastante frequente ouvir esta definição quer em treinadores de futebol, quer em uma pessoa que apenas discute Futebol num café.

Para Bangsbo & Peitersen (2000) pode-se definir lance de bola parada, quando a bola é jogada novamente após uma paragem de jogo.

Segundo Teodorescu (1984) os lances de bola parada pretendem assegurar as condições mais favoráveis para a obtenção imediata de golo, o que será atingido através de uma combinação táctica, isto é, a coordenação das acções individuais de vários jogadores de natureza ofensiva.

No que diz respeito a aspectos importantes para a marcação deste tipo de lances, Bonfanti & Pereni (1998) consideram quatro aspectos, que são: a importância do jogador que executa a marcação (precisão, antecipação da jogada, rapidez em encontrar soluções alternativas, rápida comunicação) importância dos jogadores que formam a barreira (não formar uma barreira passiva mas sim activa, auto sacrifício, tempo das movimentações, não infringir as regras), importância dos jogadores que tentam destabilizar a barreira (capacidade de criar movimentos de diversão e de surpreender o adversário, determinação de rematar para golo), importância de todos os movimentos aquando da marcação da falta (sincronismo perfeito de todos os movimentos, precisão no tempo de passe, capacidade para lidar com diferentes movimentos

alternativos, capacidade de antecipar o movimento do adversário, confiança total na escolha da jogada a executar, capacidade de apoiar o jogador que efectua o remate mesmo depois deste ser executado).

Este tipo de jogadas, para Bangsbo & Peitersen (2000) devem ser treinadas devido a proporcionarem boas possibilidades de finalização ou manter a posse de bola, bem como criar confiança nos jogadores que depois, irão executar a sua marcação nos jogos. Segundo os mesmos autores os jogadores poderão ter uma participação activa na escolha das execuções a efectuar no jogo e obviamente essa escolha deverá ser efectuada consoante as características que os jogadores possuem.

Para se atingirem resultados com estas jogadas segundo Bonfanti & Pereni (1998) existem aspectos essenciais a serem tidos em consideração, como são o caso da organização da jogada, a surpresa e possibilidade alternativa, explorar as capacidades de um jogador, explorar as fraquezas de um adversário, lapsos de concentração durante os primeiros e últimos minutos de jogo, firme confiança na marcação de golo.

Pretende-se, de seguida, revelar alguns aspectos que ocorrem nos vários tipos de lances de bola parada a analisar, que são: os pontapés-livres (directo e indirecto), pontapés de canto e pontapé de grande penalidade (Penalti).

Se observarmos as Leis da FIFA (2005) todos estes lances estão incluídos nas 17 Leis de Jogo definidas para o Futebol de 11. Surgem após a referência às faltas e incorrecções que devem ser punidas em Futebol de 11, correspondendo os pontapés livres à Lei N° 13, o pontapé de grande penalidade à Lei N° 14 e ao pontapé de canto corresponde a Lei N° 17. São por isso situações bem definidas nas Leis de Jogo e que devem ser analisadas e aproveitadas pelas equipas.

2.3.1. Pontapés – Livres

Segundo Leis da FIFA (2005) os pontapés-livres classificam-se em directos e indirectos. Tanto para o pontapé-livre directo como para o indirecto, a bola deve estar imóvel no momento de a pontapear e o executante não deve tocar na bola, uma segunda vez, antes que esta tenha sido jogada por um outro jogador.

Para Hughes (1994) em todas as situações de livres os jogadores são livres de improvisar. Outro aspecto referido por este autor é que o número de jogadores a defender estas situações está relacionado com o número de atacantes colocados pela equipa adversária nestas situações. Refere como determinante para o sucesso, o momento em que a marcação do livre é executado, já que se for marcado demasiado cedo, o mais provável é perder-se a bola ou então não se conseguir atacar com a eficácia desejada. Já se for demasiado tarde dá tempo para a defesa se organizar e posicionar de forma a interceptar a jogada. Segundo uma análise efectuada por Carling, et al. (2005) aos livres marcados de zonas centrais no Campeonato do Mundo de 2002, 8% foram transformados em golo, mas apenas quando o livre foi marcado directamente. Quando envolveram um pequeno toque para se efectuar o remate de seguida, não se verificou a obtenção de qualquer golo. Segundo os autores isto fica-se a dever ao facto de os defesas reduzirem rapidamente o espaço entre eles e a bola, conseguindo bloquear logo uma percentagem de cerca de 40% dos livres executados deste modo. Estes valores revelam uma maior eficácia na marcação dos livres de forma directa em relação aos que são executados após um pequeno toque. Numa comparação entre estes valores e os ocorridos no campeonato da Europa de 2000, verifica-se uma similaridade.

2.3.1.1. Pontapé - Livre Directo

O pontapé-livre directo corresponde à Lei 13 das leis de jogo de Futebol. Segundo Leis da FIFA (2005) um pontapé-livre directo será concedido à equipa adversária do jogador que no entender do árbitro cometa, por negligência, por

imprudência ou por excesso de combatividade, uma das seis faltas seguintes: dar ou tentar dar um pontapé num adversário; passar ou tentar passar uma rasteira a um adversário; saltar sobre um adversário; carregar um adversário; agredir ou tentar agredir um adversário; empurrar um adversário. Um pontapé livre directo, será igualmente concedido à equipa adversária do jogador que cometa uma das quatro faltas seguintes: entrar em tackle sobre um adversário para se apoderar da bola tocando nele antes de a jogar; agarrar um adversário; cuspir sobre um adversário; tocar deliberadamente a bola com as mãos (excepto o guarda-redes dentro da sua própria área de grande penalidade). Todos os pontapés-livres directo devem ser executados no local em que as faltas foram cometidas.

Scovell & Howe (1988) referem que na actualidade os livres directos são alvo de tanto estudo que se converteram em pouco menos que uma arte.

Bray & Kerwin (2003) referem que a técnica é utilizada pelos jogadores em diferentes aspectos do jogo, especialmente quando tentam ultrapassar a barreira defensiva na marcação de um livre directo. Salientam que hoje em dia os treinadores e jogadores já estão alertados para o potencial dos livres directos na obtenção de golos, tendo a maioria das equipas pelo menos um especialista na marcação destes livres, e que a expectativa dos espectadores em relação a estes livres já está próxima da de uma grande penalidade.

Segundo Hughes (1994) os livres directos, podem ser divididos em duas categorias, que são o facto de se estar perante uma boa hipótese de golo, quando se remata directamente à baliza, ou quando apesar de ser um livre directo a probabilidade de se obter golo através de um remate directo é reduzida. De acordo com o mesmo autor em caso de ser uma boa situação de golo o livre deve ser marcado directamente, opinião também partilhada por Scovell & Howe (1988). Neste tipo de livres, que ocorrem na meia lua ou perto dela, a defesa geralmente coloca uma barreira densa, e o ataque deve tentar contribuir para diminuir a visibilidade do guarda-redes, tentando fazer baixar o tempo de reacção disponível para defender. Os jogadores que tentam tapar a visão do guarda-redes, colocando-se muitas vezes na própria barreira, devem

ter também a preocupação de quando é efectuado o remate se movimentar para um possível ressalto (Hughes, 1994).

Deve-se colocar dois jogadores como possíveis marcadores do livre, de modo a causar uma situação de dúvida na defesa acerca de quem vai executar a marcação. Desta forma não se saberá para que lado irá ser executado o livre, colocando um jogador esquerdino e um dextro, ou mesmo possibilitar uma simulação. Mas é também referido que, naquele momento, os jogadores devem decidir quem irá executar a marcação consoante o posicionamento da defesa. (Hughes, 1994; Scovell & Howe, 1988).

Scovell & Howe (1988) defendem que quanto mais simples for a ideia da execução, mais possibilidades terá de êxito, pois não dará tanto tempo para a defesa reduzir espaço. Referem ainda que a maioria dos golos a partir de livres directos são aqueles que são marcados directamente, ou após um ligeiro toque de um jogador a tirar um pouco a bola da barreira e outro a rematar directamente.

Hughes (1994) defende que o treino deste tipo de livres deverá ser efectuado com a participação de todos os jogadores, como se se tratasse de uma situação de jogo, e não através da marcação por jogadores de forma isolada. Deverão treinar a marcação sobre a barreira defensiva, sobre a barreira atacante, a contornar a barreira defensiva e a contornar a barreira atacante.

Bidzinski (1996) diz que em todos os livres, existe sempre uma percentagem de liberdade para os jogadores improvisarem.

Ainda segundo Hughes (1994) quando os livres são de posições mais difíceis de bater directamente, estes deve ser marcados em arco na direcção da baliza e para a zona do primeiro poste de forma a dificultar o corte e facilitar o ataque à bola dos avançados, já que as estatísticas mostram que a procura do primeiro poste para finalizar é 90% superior à procura do segundo poste.

Existem imensas maneiras de se efectuar a marcação de um livre directo. A equipa deverá decidir de que forma o executar segundo as características dos jogadores da sua equipa, se geralmente conseguem obter uma percentagem de êxito (considerando êxito a obtenção de golo ou situação que crie uma situação de bastante perigo para a baliza adversária) e também da forma como

a equipa adversária se posiciona para defender, tendo em conta o tipo de marcação que efectua, efectuando equipas essa marcação homem-a-homem, outras à zona e ainda através de uma marcação mista.

E se verificarmos existem bastantes jogadores que têm uma grande capacidade de criar situações de golo a partir de situações deste género. Jogadores como Juninho Pernambucano, Beckham, Roberto Carlos, Henry ou Ronaldinho são apenas alguns exemplo de jogadores que colocam qualquer adepto da equipa adversária em sobressalto, quando existe um livre perto da sua área. Para além da presença de jogadores especialistas na execução destes lances de jogo, existem também equipas que muitas das vezes, devido há dificuldade em criarem lances que possibilitem situações de finalização em lances de bola corrida, recorrem a este género de jogadas aproveitando muitas das vezes, a estatura dos seus jogadores, para tentarem criar situações de finalização.

Mas os livres directos dão a possibilidade de o jogador que o executa bater a bola directamente para a baliza, ou optar por tentar passá-la a um colega. Esta é uma regra que permite às equipas que beneficiam do livre tentar criar uma situação surpresa para a equipa adversária. Um exemplo, é o livre que ficou conhecido como “Livre à Camacho” e que provocava, e ainda provoca, esse efeito surpresa, pois quando a movimentação dos jogadores faz prever a execução do livre directamente para a baliza ou perto dela a bola é passada para um jogador que aparece a fazer uma movimentação em sentido contrário à dos colegas. Este é um exemplo, de quando o livre é num local que não permite rematar directamente para a baliza de modo a conseguir finalizar. Uma situação deste género pode surpreender o adversário e resolver um jogo a favor de uma equipa.

2.3.1.2 Pontapé - Livre Indirecto

O pontapé-livre indirecto corresponde à Lei 13 das leis de jogo de Futebol. Segundo Leis da FIFA (2005) um pontapé-livre indirecto será concedido à

equipa adversária do guarda-redes que, encontrando-se na sua própria área de grande penalidade, comete uma das quatro faltas seguintes: manter a bola em seu poder durante mais de seis segundos antes de a soltar das mãos; tocar uma nova vez a bola com as mãos depois de a ter soltado, sem que ela tenha sido tocada por outro jogador; tocar a bola com as mãos vinda de um passe atirado deliberadamente com o pé por um seu colega de equipa; tocar a bola com as mãos vinda directamente de um lançamento lateral efectuado por um colega de equipa.

Um pontapé-livre indirecto será igualmente concedido à equipa adversária do jogador que, no entender do árbitro: jogue de uma maneira perigosa; faça obstrução à progressão de um adversário; impeça o guarda-redes de soltar a bola das mãos; cometa outras faltas não mencionadas na Lei 12 (faltas e comportamentos anti-desportivos), pelas quais o jogo seja interrompido a fim de advertir ou expulsar um jogador. O pontapé-livre indirecto deve ser executado no local em que a infracção foi cometida.

Bonfanti & Pereni (1998) referem que em 1873, o International Board decidiu punir os casos em que as leis eram infringidas com um pontapé livre. A expressão “pontapé livre” refere-se a um remate que não poderá ser concretizado em golo, a não ser que a bola seja jogada ou tocada por outro jogador a seguir ao que efectuou a marcação do livre. Hoje em dia, isto corresponde a um livre indirecto.

De acordo com Hughes (1994) devemos verificar se o livre é numa zona perto da meia lua da área e se assim for deve ser executado logo através de um pequeno toque para o lado e um remate de um segundo jogador para a baliza. Se o livre for executado numa zona já mais afastada da zona da área, deve ser executado rapidamente de forma a aproveitar uma possível falta de concentração dos defensores. Este autor defende que estas situações devem ser treinadas, tendo uma duração máxima de treino de 10 a 15 minutos.

Neste tipo de lances, a necessidade para surpreender o adversário, deverá ser superior à da marcação de livre directos, pois factores como o espaço pode ser encurtado mais rapidamente pela equipa adversária após o primeiro toque efectuado. Desta forma, diminui o tempo disponível pelo atleta executor de

verificar o posicionamento quer dos colegas quer dos defensores. Para Lopez (1998) estes possuem uma vantagem para a equipa que deles beneficia, já que permite que estas equipas preparem jogadores especialistas, bem como fórmulas concretas, que toda a equipa deve assimilar e conhecer para o seu bom funcionamento. Segundo o mesmo autor a sua verdadeira perigosidade está nas distâncias mais ou menos propícias para a obtenção de golo.

Por exemplo, quando o livre é mais perto da baliza, a equipa que defende, geralmente, opta por formar uma barreira. Esta barreira criada pode até ser aproveitada pela a equipa que marca o livre, já que há vários jogadores defensores bloqueados e com a única preocupação de ajudar o guarda-redes a proteger a baliza, descuidando um pouco outras zonas do campo de jogo.

Carling, et al. (2005) consideram a função da barreira importante, mas no sentido de tentar fazer com que o adversário opte por marcar apenas depois de um pequeno toque na bola de um companheiro, dando assim mais tempo aos defesas de reduzirem espaço e a probabilidade de quem marca o livre obter sucesso.

Estes livres requerem precisão no primeiro toque, necessidade de muitas repetições no treino, rapidez na execução e boa velocidade de reacção. É também necessário, para que seja possível tomar a melhor opção para obter vantagem, ter um conhecimento de outros aspectos como: a forma como o adversário costuma defender este tipo de lances e a envergadura física dos seus jogadores.

Já Bidzinski (1996) salienta o facto de, os jogadores da equipa que beneficia do livre, deverem atacar a bola em velocidade. O timing de ataque da bola por parte dos atacantes será um aspecto decisivo para o êxito da jogada.

É, portanto, necessário ter em atenção o local da marcação do livre, o número de jogadores envolvidos e estratégias para iludir o adversário.

2.3.2. Pontapés de Canto

Os pontapés de canto correspondem à Lei 17 das leis de jogo de Futebol. Segundo Leis da FIFA (2005) o pontapé de canto é uma forma de recomeçar o jogo. Um golo pode ser marcado directamente de um pontapé de canto, mas unicamente contra a equipa adversária, sendo um canto assinalado quando: a bola, tocada em último lugar por um jogador da equipa defensora ultrapassar completamente a linha de baliza, quer seja rente ao solo ou pelo ar, em conformidade com a Lei 10 (marcação de golos).

No que se refere à sua execução, a bola é colocada dentro do arco de círculo de canto mais próximo; a bandeira de canto não pode ser removida; os jogadores da equipa adversária devem colocar-se, pelo menos, a 9,15 m da bola até que ela esteja em jogo; a bola é pontapeada por um jogador da equipa atacante; a bola entra em jogo logo que seja pontapeada e se mova; o executante não deve jogar a bola uma segunda vez antes que esta seja tocada por um outro jogador.

Os pontapés de canto são a fonte de um número significativo de golos (Hughes, 1994; Castelo, 1996).

No Mundial de Futebol de 1994, de acordo com Sousa & Garganta (2001) os cantos corresponderam a 13% dos golos obtidos de bola parada, sendo ultrapassado pelos livres (46%). Já no que se refere ao Mundial de Futebol de 1998, Grant et al. (1999, cit. por Taylor, James & Mellalieu (2005)) atribuem aos cantos uma percentagem total de 47,6% relativamente aos golos obtidos de lances de bola parada, ficando ligeiramente abaixo da atingida pelos livres.

Kormelink & Seeverens (1999) salientam o facto de, durante o Campeonato do Mundo de 1998, muitos golos terem sido marcados a partir de situações de pontapé de canto.

Hughes (1994) refere-se mesmo aos pontapés de canto como a maior fonte de golos, principalmente os que são marcados em arco para a zona frontal da baliza. Realça ainda a necessidade de se seleccionarem os jogadores para tentar a finalização, bem como a importância do jogador que efectua a marcação do canto, devendo este de preferência colocar a bola para a entrada da pequena área a uma altura ligeiramente abaixo da barra. Outro aspecto que

o autor salienta é a necessidade de treino, porque aí está a diferença entre colocar a bola duas ou três vezes em 10 no local certo, ou colocá-la 8 vezes ou mais. São referidas três formas de execução: marcado directamente para a área, canto médio, em que a bola é passada a um jogador que se encontrava na área e se desmarca para receber dentro de área e devolver novamente para uma execução de uma zona mais frontal, ou o canto curto, com o mesmo propósito do canto médio. Os cantos executados para a zona do primeiro poste apresentam uma maior percentagem de eficácia do que os marcados ao segundo poste. Os cantos ao segundo poste têm mais êxito apenas quando se parte de um canto médio ou curto e que se consegue deslocar mais os defesas para uma zona mais perto do primeiro poste. Este autor defende que se deve treinar acrescentando jogadores ao treino deste tipo de lances em termos ofensivos, por exemplo, começar com os atacantes que se posicionam perto da pequena área e depois acrescentar os que aparecem mais de trás. Devem ser praticados os três tipos de cantos, para exigir aos jogadores estarem concentrados e movimentarem-se consoante a bola.

Segundo Simon & Reeves (2000), os pontapés de canto são uma excelente fonte de oportunidades de golo, já que se pode cruzar a bola directamente para as zonas mais perigosas do campo, como sejam as mais próximas da baliza adversária (grande área e pequena área).

Bangsbo & Peitersen (2000) salientam o facto de aquando da escolha do tipo de canto a marcar, se ter particular atenção às características dos jogadores que se possui na equipa.

De acordo com Grant & Williams (1998), existem várias formas de marcação dos pontapés de canto, tendo em conta as movimentações e posicionamento dos jogadores, bem como o efeito imprimido à bola.

Pode-se considerar segundo vários autores (Ali, 1987; Hughes, 1994; Castelo, 1996; Ensum et al., 2000), que em termos do alcance da trajectória da bola, existem dois tipos básicos de pontapés de canto: os cantos curtos e os cantos longos.

Ali (1987) afirma que nos lances de bola parada, apenas a marcação através de canto curto permite uma percentagem significativa de possibilitar finalização.

Os cantos marcados com um número grande de passes curtos produzirá mais golos, ficando-se este facto a dever à pequena quantidade de pontapés de canto que são executados desta forma, podendo assim causar confusão nos defesas na forma de fazerem frente a esta situação. O mesmo autor defende ainda a marcação de canto curto, devido à possibilidade de se perder a posse de bola não ser tão elevada, ao contrário do que acontece se ocorrer um cruzamento longo.

Carling, et al. (2005) revelam que a maioria dos cantos, no Campeonato do Mundo de 2002, foram marcados directamente para a área de penalti, verificando-se deste modo 18 dos 21 golos marcados nesta situação. Mas o canto marcado através de um passe curto para depois se ter maior ângulo para a baliza, seguido de cruzamento apresenta um ratio maior (46%).

Os cantos longos, podem também ser classificados de acordo com o efeito imprimido à bola (Hughes, 1994; Castelo, 1996; Grant & Williams, 1998; Ensum et al., 2000). Assim, de acordo com estes autores, os cantos longos podem resultar de uma trajectória da bola com efeito para dentro, ou de uma trajectória com efeito para fora. Os primeiros, são mais eficazes do que os segundos, pelo que, os cantos com efeito para fora só devem ser utilizados como último recurso, por exemplo, quando um canto é ganho sobre o lado direito do ataque e não existe em campo nenhum jogador que cruze a bola com o pé esquerdo (Hughes, 1994; Castelo, 1996).

Carling, et al. (2005) na análise efectuada ao Campeonato do Mundo de 2002, verificaram que os cantos marcados com arco interior apresentam maior percentagem de sucesso na criação de golos, mas tem como desvantagem a possibilidade mais elevada de se perder a posse de bola, proporcionando o contra-ataque adversário. Também na observação efectuada ao Campeonato Inglês observaram conclusões idênticas, com 71% dos golos obtidos nos cantos, a serem marcados com o arco interior e 29% com arco exterior. Verificaram ainda que, para além do arco interior, aqueles que são marcados para a zona do primeiro poste ou meio da baliza, apresentaram mais êxito nas três competições analisadas (Campeonato do Mundo de 2002, Campeonato Inglês e Campeonato da Europa de 2000). Algum sucesso foi obtido de cantos

com arco exterior, principalmente quando marcados para a marca de penalti e poste mais afastado.

Para Hughes (1990), Castelo (1996), Grant & Williams (1998) e Ensum et al. (2000), os cantos em termos do local de queda da bola, podem ser de dois tipos: executados para o primeiro poste (leia-se, o poste mais próximo do lado de onde o canto é marcado) e executados para o segundo poste (leia-se, o poste mais afastado do lado de onde o canto é marcado).

A maior parte dos autores que consultamos considera ser mais eficaz a marcação de um pontapé de canto para a zona do primeiro poste ou central da baliza. (Hughes, 1994; Ensum et al., 2000).

Apenas num estudo realizado por Grant & Williams (1998) se podem verificar conclusões opostas, já que foi através de cantos marcados ao segundo poste, que resultaram a maioria dos golos.

Quanto ao tempo de preparação para a execução do canto, e na análise efectuada ao Campeonato do Mundo de 2002, Carling, et al. (2005) referem existir vantagem em efectuar a marcação dos cantos curtos de forma rápida, ao contrário dos que são marcados directamente para a área, em que existe vantagem se o tempo de preparação for superior a 20 segundos, pois dá tempo para os defesas subirem à área adversária e de se organizarem mais correctamente para o canto que irá ser marcado.

2.3.3. Pontapé de Grande Penalidade (Penalti)

Os pontapés de grande penalidade correspondem à Lei 14 das leis de jogo de Futebol. Segundo Leis da FIFA (2005) um pontapé de grande penalidade deve ser assinalado contra a equipa que cometa, dentro da sua própria área de grande penalidade e no momento em que a bola esteja em jogo, uma das dez faltas punidas com pontapé-livre directo. Um golo pode ser marcado directamente dum pontapé de grande penalidade.

No que diz respeito ao seu modo de execução, o executante do pontapé de grande penalidade deve chutar a bola em direcção da baliza; ele não deve

jogar a bola uma segunda vez antes que esta seja tocada por outro jogador; a bola entra em jogo logo que seja pontapeada e se movimente em direcção à baliza adversária.

Quando um pontapé de grande penalidade é executado, ou repetido durante o tempo regulamentar, durante o prolongamento previsto no final da primeira parte ou no final do jogo para permitir a sua execução, o golo será válido se, antes de passar entre os postes da baliza e por baixo da barra transversal: a bola tocar num ou noutro, ou nos dois postes e/ou na barra transversal e/ou no guarda-redes.

Segundo Mesa Mesa & Gutierrez Sainz (2001) o penalti revela-se de grande importância para o rendimento em futebol, sendo determinante no resultado final de uma competição.

Entre o Mundial de 1982 e 1994 foram marcadas 138 pontapés de grande penalidade tendo sido convertidos 78%, 8% foram para fora e 14% defendidos. (Kormelink & Seeverens, 1999).

Morya et al. (2005) fizeram uma análise a vários factores que limitam a performance quer de quem marca quer de quem defende um penalti, para tentar determinar as melhores estratégias para preparar “estes críticos momentos do jogo.” A sua principal preocupação foi com a forma como o Guarda-Redes reagia nesta situação, se antecipava o movimento ou esperava mais um pouco para ver para que lado o jogador remata. Refere ainda que de um estudo efectuado por Kuhn em 1988, se pode verificar que 20% dos penaltis foram defendidos.

Analisaram depois 37 penaltis marcados no Campeonato do Mundo de 2002 e 38 penaltis de jogos de clubes 2000-2002. Observaram que 76% dos penaltis foram concretizados em golo, sendo a percentagem de sucesso nos jogos de clubes de 82% (31 de 38 penaltis) e 70% no Campeonato do Mundo (26 de 37 penaltis).

Os autores referem ainda que entre 2000-2002 a percentagem de sucesso na marcação de penaltis no futebol a nível de top, não sofreu alterações apreciáveis, situando-se por volta dos 70% (com um desvio padrão de 10%).

Mas os penaltis são um elemento com características um pouco particulares, pois envolvem muito mais do que a simples execução técnica ou tática. Seria também interessante de analisar em que circunstâncias se falham mais penaltis, provavelmente sobre pressão de ser decisivo, ou também quando o jogo está perto do fim devido à fadiga acumulada. Isto mesmo é defendido por Valdano (1997) afirmando como a principal característica que este tipo de lance possui, é não terem receitas e que mais que um dom técnico, requerem uma qualidade anímica. Continua dizendo que nos Mundiais já falharam jogadores de super classe como Zico, Platini, Maradona, Baggio, que marcaram com “as pernas rotas pelo cansaço” e com a cabeça assolada pelo medo.

2.4. Treinadores, adeptos, jornalistas... e a frequente referência aos lances de bola parada

Um aspecto, recorrentemente, abordado como fazendo parte da análise ao jogo, são os lances de bola parada. Alguns treinadores, têm bastante preocupação em analisar estas situações.

São frequentes as referências aos lances de bola parada, por parte de um qualquer interveniente no jogo. Isto acontece devido a não serem poucas as vezes em que o jogo se decide através de lances deste tipo.

Por exemplo, Mourinho (2003, cit. por Lourenço, 2003) refere que o seu único receio no jogo contra o Benfica eram os lances de bola parada, onde possuíam excelentes executantes... nomeadamente as simulações de faltas que provocavam livres à entrada de área ou grandes penalidades.

Mas existem muitos outros treinadores que também se referiram a estes lances como Toni (2005, cit. por Pacheco, 2005) que destaca ao longo do seu percurso como treinador de futebol, alguns momentos particulares que tiveram uma influência decisiva no desenrolar dos jogos, como os lances de bola parada.

Já Eriksson (2006) expressou a sua confiança numa boa campanha de Inglaterra, muito devido aos lances de bola parada e à presença na equipa de um executante com a qualidade de David Beckham. “Temos o melhor

marcador de livres e cantos do Mundo, e outros jogadores que sabem marcar golos. Somos uma das melhores selecções do Mundo em lances de bola parada.... (Beckham) Parece estar em grande forma e confiante, e isso pode fazer muita diferença.”

Alves (ex-jogador e treinador) (2006) antevendo o jogo com a França alertou para a necessidade de ter cuidado para Zidane não conseguir marcar os andamentos do jogo, e se ter “Muito cuidado com as bolas paradas.”.

Também Mota (2006) em vésperas do jogo com o Benfica alertou para o facto de terem de estar muito atentos aos lances de bola parada, fazendo referência ao facto do adversário possuir jogadores altos, com grande poder de elevação e que jogam bem de cabeça.

Já Freitas (2004:8) cita algumas frases, de jogadores e treinadores, onde se podem encontrar algumas referências a estes lances, como Mora (2003) “Qualquer lance – canto, livre, jogada individual – merece a nossa máxima concentração”, Viveros (2004) “...Será mesmo uma boa oportunidade para ganharmos o jogo num lance de bola parada. Mas também teremos de estar muito concentrados para não sofrer golos nas bolas paradas deles...”, ou Ferreira (2004) “No primeiro tempo, através de lances de bola parada, o adversário criou algumas situações de golo, mas estivemos sempre muito concentrados e conseguimos evitá-los.”.

Vilas-Boas (2006) fez o seguinte comentário: “De bola parada, como não podia deixar de ser, os italianos marcaram e a partir daí tudo mudou.”.

Pode-se por isso verificar que é dada bastante importância a estes lances, pelo menos ao facto de estes se puderem revelar decisivos para o resultado, apesar de não sabermos a importância que lhes é atribuída na prática, nos treinos.

2.5. A importância dos lances de bola parada na obtenção de golos

Como afirma Morris (1981), os números apenas servem para nos fornecer a prova da grande potencialidade do jogo de Futebol como um veículo soberbo

para a imaginação interpretativa de estratégias e táticas físicas. Mas carecem de significado, salvo se conduzirem com êxito ao grande Clímax do Ritual da Reunião Tribal: o golo.

Segundo Garganta (1997) para que se atinja o rendimento desportivo em Futebol, existem vários aspectos e interactuantes entre si. Mas ainda segundo o mesmo autor, verificou-se que, muitas das vezes cantos, livres e lançamentos de linha lateral, não constam das análises realizadas acerca da eficácia ofensiva.

É um facto curioso, que talvez se deva à maioria dos golos serem marcados através das fases dinâmicas do jogo (Olsen, 1988; Garcia, 1995).

Mas na nossa opinião estes lances não podem ser menosprezados e cada vez mais devem ser tidos em consideração. Como já foi referido anteriormente, ocorrem um elevado número de faltas em cada jogo. Segundo Bangsbo & Peitersen (2000) a nível internacional uma equipa beneficia em média de 15 livres, 10 cantos e 1 penalti a cada três jogos. Observou-se, por isso, que estes são lances que ocorrem com frequência durante um jogo, podendo ocorrer em números ainda mais significativos, e que devem ser merecedores de uma particular atenção, já que existe praticamente a certeza de podermos beneficiar deles, devendo por isso estar preparados.

Cada vez mais, este tipo de lances, influenciam o resultado final já que existe um elevado número de golos a partir destas situações. E pode-se constatar este facto, através da análise a vários estudos efectuados e à importância que vários autores lhes atribuem.

Comucci (1981) afirma que se pode constatar que 50% dos golos são marcados ou, directamente por lances de bola parada, ou das acções que se lhes seguem imediatamente. São as interrupções de jogo - as que precedem imediatamente um lance de bola parada - que oferecem às duas equipas, quer a que está em situação ofensiva, quer a que está em situação defensiva, a possibilidade de resolver o jogo a seu favor.

Teodorescu (1984), refere que entre 25 a 50% das situações de finalização, e de criação de situações de finalização, tem por base soluções táticas a partir de lances de bola parada.

Segundo Bate (1987) os golos obtidos na sequência de lances de bola parada são uma fonte vital de golos em todos os níveis do jogo, salientando que 70% dos golos são obtidos no terço ofensivo do campo, através de lances de bola parada ou recuperações de bola nessa zona, tendo-se tornado as bolas paradas um dos métodos cruciais para se vencerem jogos.

Já Olsen (1988) analisou 132 golos, respeitantes a 52 partidas do Campeonato do Mundo México'86, referindo terem sido obtidos 96 (72,5%) a partir das fases dinâmicas, e 36 (27,5%) nas fases estáticas do jogo (lances de bola parada).

Hughes (1990) afirma ainda que os lances de bola parada, juntamente com as recuperações de bola logo após a marcação desses lances, são responsáveis por cerca de 50% dos golos marcados. Nessa análise efectuada por Hughes (1990), a uma amostra de 202 golos marcados em 109 jogos, pouco menos de metade (92 golos, correspondentes a 46% do total de golos) foram marcados através de LBP. Ainda o mesmo autor (1994) diz que o mais provável para uma equipa é o golo da vitória ser marcado através de um lance de bola parada.

Jinshan et al. (1993) e Garcia (1995), numa análise efectuada à forma como foram obtidos os golos em vários Campeonatos do Mundo realçaram o facto de estarem a aumentar o número de golos obtidos a partir das fases estáticas (bolas paradas): 26% em Espanha 1982; 28% no México 1986; 32% em Itália 1990 e 39% no USA 1994. Hughes (1990) e Miller (1994), vão mais longe ainda, e referem-se aos lances de bola parada como o factor singular mais importante para a obtenção de golos e consequentemente, para alcançar a vitória.

Kormelink & Seeverens (1999) fazem referência à quantidade de grandes penalidades ocorridas entre o Mundial de 1982 e 1994, salientando que foram marcados 138 grandes penalidades, tendo sido convertidas 78%, 8% foram para fora e 14% defendidas. Os mesmos autores indicam ainda que durante o Campeonato do Mundo de 1998 uma elevada quantidade de golos foram marcados a partir de situações de pontapé de canto.

Os tipos de lances de bola parada que permitem uma maior percentagem de golos são os pontapés livres perto da área, os pontapés de canto e os pontapés de grande penalidade. No 14º Campeonato do Mundo apenas 5

golos foram marcados através de um pontapé directo para a baliza na sequência de um livre, 13 golos de penalti e os restantes 19 na sequência de livres ou cantos.

Já Garcia (1995) fez uma análise aos golos marcados durante o Campeonato do Mundo USA'94, concluindo que dos 145 golos obtidos, 88 (61%) foram obtidos em situações de jogo efectivo, tendo 57 (39%) marcados como resultado de lances de bola parada. Mas analisando mais detalhadamente os dados que foram recolhidos por Garcia verifica-se que à medida que se caminha dos jogos da 1ª fase para a Final do Torneio, aumentam os golos obtidos através de fragmentos constantes do jogo (lances de bola parada), ao inverso do que ocorre com os obtidos através de situações de jogo efectivo.

Garganta (1997) faz uma análise dos resultados obtidos por Garcia (1995) e afirma que os dados sugerem que com o decorrer da competição, aumenta a qualidade das equipas e o equilíbrio entre elas torna-se evidente. Deste modo, os fragmentos constantes do jogo (lances de bola parada) passam a ser determinantes.

Esta ideia é apoiada por Bate (1987) e Hughes (1994) que consideram os golos obtidos através de lances de bola parada como uma fonte vital a todos os níveis do jogo, devido a constituírem-se como momentos críticos, ou cruciais que permitem decidir o resultado do jogo, isto para além de constituírem uma percentagem importante do total de golos marcados (30 a 45%).

Ensum et al. (2000) corrobora da importância deste tipo de lances para o resultado de um jogo, através da observação efectuada a 26 jogos, onde foram analisados 779 livres, 12 pontapés de grande penalidade, 266 pontapés de canto e 868 lançamentos de linha lateral no meio campo ofensivo. Foram marcados 75 golos, dos quais 35 (que correspondem a 47% do total de golos obtidos) através de situações de bola parada. Dos 35 golos marcados, podemos analisar que 15 ocorreram através de pontapés livres (20%), 7 através de pontapés de canto (9%), 7 através de pontapés de grande penalidade (9%) e 6 a partir de lançamentos de linha lateral (8%).

Num estudo realizado por Correia (2003) pode-se observar que 51 dos golos que foram apontados na Liga Portuguesa pelos clubes em estudo, surgiram de

lances de bola parada, o que equivale a 35% do total de golos marcados, e numa observação efectuada no campeonato Espanhol observa-se que esse número foi de 33 golos (21% do total de golos).

Estes são lances que, como se pode verificar, têm vindo a ser analisados por vários autores, em diferentes locais e um dos casos é Hoek (1999, cit. por Kormelink & Seeverens, 1999) referindo ter descoberto em Espanha que a função atribuída a especialistas é muito importante. “Se o canto é contra ti na Holanda geralmente não representa grande perigo. A bola está no ar muito tempo e os defesas têm boas hipóteses de a interceptarem. Na Espanha o canto é muito mais difícil. A bola é batida com muito efeito Os atacantes são também mais perigosos porque eles colocam tudo o que têm nisso. Isto é típico da mentalidade Espanhola. Por esta razão o Barcelona agora coloca um homem em cada poste quando a equipa consente um canto. Na última época o homem do poste mais longe salvou pelo menos 6 golos certos.”

Carling, et al. (2005) numa análise efectuada ao Campeonato do Mundo de 2002, demonstraram que uma proporção significativa de golos são marcados a partir de situações de bola parada, directamente (quando a bola não é tocada por nenhum adversário) ou indirectamente (quando a bola é cortada por um adversário, mas é de novo recuperada e colocada de volta na zona de perigo). Se esta fase for considerada, podemos verificar que quase metade dos golos são obtidos tendo por base estes lances.

Como se pode verificar no Quadro 1, os livres revelam-se o método mais importante, seguido pelos pontapés de canto, no que se refere à obtenção de golos através de lances de bola parada.

Quadro 1: Golos obtidos no Campeonato do Mundo de 2002 (Carling, C.; Williams, A.; & Reilly, T. (2005) : pp. 109)

	Total	%
Livres	27	17
Cantos	21	13
Penalti	17	10
Lançamentos de Linha Lateral	13	8
Total Lances de Bola Parada	78	48
Jogadas Abertas	83	52
Total	161	100

Segundo os mesmos autores, em jogos internacionais de Futebol, uma equipa beneficia em média de 12 livres indirectos, 2 livres directos, e 5 cantos por jogo, no terço ofensivo do campo. Tem havido uma ligeira redução no número global de bolas paradas, mas pelo contrário tem ocorrido um aumento significativo na eficiência, havendo mais golos a serem marcados na sequência destes lances. A importância da preparação e planeamento dos lances de bola parada é elevada.

Em Portugal, e numa estatística fornecida pelo Jornal de Notícias (2006) faz-se referência à forma como F.C. Porto, S.C. Sporting e S.L. Benfica marcaram os seus golos até aquele momento (14^a Jornada) para o Campeonato Português. O título do artigo é que os “Dragões não precisam de bolas paradas para marcar.” É depois dito mais à frente que “o conjunto de Jesualdo Ferreira não necessita sequer dos lances de bola parada para produzir perigo junto do último reduto opositor, elemento considerado indispensável no futebol moderno devido à cada vez maior ausência de espaços no campo.” Dizem depois que Quaresma consegue esconder essa lacuna, conseguindo criar situações para a sua equipa concretizar. O F.C. Porto dos 32 golos marcados até esse dia, 8 foram na sequência de lances de bola parada, o que significa 25% dos seus golos.

É também referido que no Sporting, dos 22 golos marcados 8 nasceram da sequência de lances deste tipo, “nos lances estudados de bola parada”, o que corresponde a 36 % do total dos seus golos.

Já no Benfica dos 30 golos marcados, 12 foram conseguidos na sequência deste tipo de lances (40% do total dos golos marcados pela equipa).

Este artigo pode fazer pensar em vários aspectos, como o facto de ser possível que nas equipas em que os jogadores não conseguem criar tantos desequilíbrios, estes lances ainda se tornarem mais importantes. Isto apesar de segundo (Grant, 2000; Horn & Williams, 2002) as equipas de topo fazerem uso mais efectivo dos lances de bola parada, ou seja, criarem e aproveitarem de uma forma mais eficaz este tipo de lances. Mas ainda considero mais importante ter atenção a outros aspectos como quando é referido “nos lances

estudados de bola parada”, mas mais uma vez ficamos sem saber se realmente o são, e quando é que são treinados, ou como é que os treinam. Ficamos portanto por uma análise quantitativa e não qualitativa. E outro aspecto bastante importante é o próprio título: “Dragões não precisam de bolas paradas para marcar”, mas se analisarmos os jogos desta época 2006/2007, por exemplo, do F.C. Porto com o Sporting e com o Benfica, verificamos que o golo do empate do Porto com o Sporting surgiu de um canto, e o da vitória sobre o Benfica de um lançamento de linha lateral. Podemos então afirmar que sempre precisam dos lances de bola parada em certos momentos. Também no jogo entre Sporting e Benfica de 2006/2007 o 1º golo do Benfica resulta de um canto. Surge-nos portanto outra possibilidade que é o de estes lances revelarem-se ainda mais importantes, quando se tratam de jogos entre equipas consideradas mais equilibradas.

2.6. A importância da Análise de Jogo, nas decisões do treinador.

“Observem o jogo e o jogo ensinará, com certeza, o que deverão fazer.” Cramer, 1972 cit. por Rodrigues, 2000.

Existe uma necessidade, cada vez maior, de efectuar uma análise mais pormenorizada das situações que podem decidir um jogo, permitindo atingir o seu objectivo: o golo. E por todo o Mundo existem milhões de pessoas que observam um jogo de Futebol. Mas, a grande maioria, apenas o fazem por divertimento, ou por quererem ver a sua equipa e apoiá-la, não se preocupando com a forma como ela está organizada, ou como desenvolve o seu jogo. Contudo, existem as que vão ver o jogo com o intuito de perceber as acções que determinada equipa utiliza e com as quais alcançam a eficácia, para permitir ao treinador analisar esses dados. Pois tal com refere Cunha e Silva (2003:3), “Não existe treinador que no seu íntimo não anseie prever, com uma certeza infinitesimal, a evolução do jogo, controlar esse sistema multivariável,

substituindo a variabilidade pela estereotipia na expectativa de predizer e articular as atitudes dos seus jogadores com a máxima certeza.”.

A análise, que é efectuada ao jogo, muitas vezes torna-se bastante difícil porque praticamente em todas as pessoas, existe um aspecto que influencia a observação, que é a parcialidade. Harris & Reilly (1988), dizem que no Futebol, os observadores tendem a formar opiniões subjectivas sobre os factores determinantes do sucesso num jogo, o que faz com que as suas conclusões variem muito.

Mas os ditos observadores, não se podem deixar influenciar por este aspecto. Estes, o que querem atingir são os factos e por este motivo têm de os separar das suas opiniões.

Como sustenta Bate (1987), embora as opiniões possam ser válidas e devam ser respeitadas, para traçar estratégias de sucesso é necessário ir muito além das opiniões.

Segundo Worthington (1974, cit. por Garganta, 1997) um dos objectivos da análise do jogo é contribuir para diferenciar as opiniões dos factos.

Mas os aspectos fundamentais sobre os quais a análise se debruça, têm vindo a variar ao longo dos tempos, sendo que a partir da segunda metade da década de oitenta, a identificação de padrões de jogo com base nas regularidades reveladas pelas equipas, tem constituído uma das preocupações dominantes dos investigadores. Uma das tendências que se perfilam prende-se com a detecção das acções de jogo mais representativas, ou críticas, com o intuito de perceber os factores que induzem perturbação ou desequilíbrio no balanço ataque/defesa, nas situações que conduzem à obtenção de golos e não só (Hughes, 1996).

Esta aquisição de informação recolhida, revela-se muito importante quer no treino quer na competição, explorando um conjunto elevado de tópicos que a análise do jogo em futebol nos permite, como: a configuração e comparação de padrões de jogo; comparação entre vencedores e vencidos; configuração das sequências mais eficazes; relação habilidades técnicas - eventos do jogo; relação tarefas tácticas-eficácia ofensiva e defensiva; estudo do perfil relativo ao estatuto posicional; estudo da efectividade das habilidades técnicas;

configuração de estilos e métodos de jogo; estudo do perfil de equipas de alto nível e o estudo dos lances de bola parada.

Todos estes aspectos, após serem observados e analisados, são de extrema utilidade para o desenrolar da actividade semanal do treinador. Permite fazer um conjunto de opções que, sem a análise, não se iriam tomar. Pode-se, ainda verificar, em que pontos se pode evoluir e que aspectos devem ser mais profundamente trabalhados.

Garganta (1998) salienta que, na grande maioria, o treino deve ter em consideração informações que obtivemos a partir do jogo. E se tivermos em atenção que as equipas cada vez provocam mais dificuldades aos adversários em termos defensivos, recorrendo a faltas em muitos dos casos que não conseguem parar as acções ofensivas de outra forma, os lances de bola parada ganham uma grande importância.

Pinto & Garganta (1989) afirmam que, para que o futebol evolua e se eleve o nível de jogo é necessário efectuar uma análise das características específicas do jogo de futebol, a verificação das suas tendências evolutivas e as repercussões destas na orientação metodológica no processo de treino desportivo.

Também partilha desta ideia acerca da importância da análise do jogo Cramer (1987, cit. por Garganta, 1997) técnico da F.I.F.A e da Federação Alemã de Futebol, que salienta a importância da análise de jogo em Futebol, chamando ainda a atenção para a sua utilidade na orientação da meta desejada para o processo de treino.

Verificou-se que a análise do jogo, e do treino, reveste-se da maior importância para que tudo se desenvolva como os treinadores desejam, pois através dela pode-se identificar os principais problemas que estão a afectar o funcionamento da equipa, através desta identificação dos problemas podemos seleccionar os objectivos para os resolver, configurar os exercícios de treino e escolher os meios mais adequados para tentar ultrapassar esses problemas que nos surgiram e por fim devemos aferir a eficácia que foi alcançada pela nossa intervenção.

Todos estes são aspectos se consideram aplicáveis aos lances de bola parada.

2.7. Decisão por penaltis: Treino, lotaria... ou supressão da pressão

Muitas são as vezes em que eliminatórias, Campeonatos do Mundo, da Europa, entre outros, se decidem através da marcação de grandes penalidades. Para quem está de fora, muitas vezes, parece muito fácil a sua marcação e até algo inadmissível como é que jogadores profissionais falham uma oportunidade tão grande de golo. Mas será assim tão fácil a sua marcação? E não é de certeza a mesma coisa marcar uma grande penalidade que não tenha grande influência no resultado final, ou marcar uma que decida a passagem ou vitória num Campeonato do Mundo.

Segundo Jordet, et al. (2007) o remate da marca de penalti aquando do desempate de um jogo pela marcação de penaltis durante um Campeonato do Mundo, produz alguns dos momentos mais dramáticos do Futebol internacional. Para eles existem vários aspectos que afectam um jogador quando vai efectuar a marcação da grande penalidade como os psicológicos (stress), habilidade (usando boa técnica de remate), fisiológicos (para resistir após 120 min. de jogo) e oportunidade (vendo para que lado o guarda-redes se mexe).

Hughes & Franks (2005) referem-se ao início dos Quartos de Final do Euro 2004, e do desempate através da marcação de grandes penalidades, aquando da necessidade de desempatar um jogo. Salienta o facto de a Inglaterra já ter sido eliminada em 1990 e 1996 através da marcação de grandes penalidades. Escreve que foi referido pelo treinador da Inglaterra que não tinham treinado este aspecto do jogo e um dos jogadores que falhou disse mesmo nunca ter marcado um penalti num jogo.

Estes autores salientam que dos penaltis marados cerca de 20% são defendidos, quando estes são executados durante o desenrolar do jogo e 25% quando em desempate por grandes penalidades.

A este respeito Pélé (2006), no comentário que fez ao jogo de Portugal com a Inglaterra, revela um pensamento bastante interessante para as pessoas que nunca estiveram debaixo de uma pressão deste tipo, de ter de marcar um

penalti com grande importância, terem uma noção. Refere que a Inglaterra ainda teve uma derradeira hipótese com os penaltis, mas que estes são mais difíceis do que os adeptos pensam. “Maradona, Sócrates, Zico, Platini, Baggio – todos eles já falharam penaltis em Campeonatos do Mundo. Quando se está a ganhar por 5-0, marcar um penalti é fácil, mas já não é assim tão simples quando a sobrevivência numa competição destas depende deles. Por brincadeira, digo sempre que deveriam ser os presidentes das federações a ficar com a responsabilidade de os marcar porque a pressão é enorme.” Podemos assim ter uma pequena ideia do que será estar numa situação deste tipo, quando até aquele que é considerado por muitos como o melhor jogador de sempre tem uma afirmação destas.

Também Postiga (2006), referiu-se ao penalti que teve de marcar contra a Inglaterra, como sendo sempre um momento de grande tensão, até porque antes de ele ir marcar dois colegas tinham falhado e a pressão era ainda maior. Revela que decidiu marcar daquela forma porque se falhasse seria muito difícil Portugal continuar em prova e por isso marcou da forma mais natural para um dos lados do Guarda-Redes.

Ronaldo (2006) falando acerca da execução da grande penalidade, que valeu a passagem à fase seguinte, salienta a pressão a que se está sujeito numa situação deste tipo. Afirma que num momento daqueles há sempre algum nervosismo mas que sabia que podia decidir, que ia marcar, pois estava confiante.

Este é um facto bastante importante pois, numa situação daquelas, com centenas de milhões de pessoas com os olhos postos na execução daquele lance e com a passagem de uma eliminatória do Campeonato do Mundo em risco, mais que a qualidade da execução que o jogador tenha para executar aquele tipo de lance, está em causa a capacidade de resistir a toda a pressão que o envolve naquele momento. Este tipo de pensamento de Cristiano Ronaldo, ao dizer que estava confiante pois podia decidir a eliminatória, para outro jogador poderia ser uma pressão difícil de suportar pois “sobre os seus ombros” estava a possibilidade de passar a eliminatória. Podia, por isso, pensar o inverso, ou seja, se falhasse colocava toda a equipa e milhões de

peças que apoiam a sua equipa em causa. Pois como ratificam Murad & Helal (1995, cit. por Filho, 2006) o futebol moderno é pródigo em “fabricar” heróis, e dentre as várias façanhas que um treinador ou jogador pode protagonizar durante a sua vida desportiva, a mais significativa e abrangente de todas é participar num Campeonato do Mundo, onde biliões de pessoas autenticam e eternizam a maior competição da Terra. Mas pode-se também considerar que estes heróis rapidamente poderão passar a vilões, em caso de falha.

Também Beckham (2007), numa reportagem acerca de si refere que raramente se sente nervoso durante um jogo, mas que no Mundial de 2002 quando teve de marcar o penalti decisivo no desempate por grandes penalidades, frente à Argentina, se sentiu sob uma enorme pressão e nervosismo, referindo até um aspecto que foi o de um jogador experiente como Diego Simeone, se ter dirigido a ele antes da marcação para o cumprimentar e Beckham virou as costas e não o fez. Segundo o mesmo porque naquele momento só queria estar concentrado e respirar bem.

Torna-se portanto importante saber, se será um facto bastante importante o treino da marcação de grandes penalidades, ou se o seu treino não terá efeitos significativos na competição.

Um jogador que fez referência a este problema foi o avançado inglês Owen (2006) que pôs em causa a validade do treino das grandes penalidades, afirmando que esta é a situação mais nervosa de um jogo de futebol. «Por muito que se treine grandes penalidades não conseguimos prevêê-las», disse Owen em declarações ao jornal *Daily Telegraph*. Owen lembra ainda que é uma situação muito complicada para os jogadores que marcam as grandes penalidades. “Temos dez segundos antes de chutar para a baliza e isso joga com a tua mente. Tens que tentar não pensar nisso porque envolve várias questões. Estive em dois grandes torneios pela Inglaterra e não conseguem imaginar a pressão que é.”, lembrou Owen, destacando a diferença entre marcar grandes penalidades nos treinos e durante um jogo: “No treino podemos atirá-los para o canto superior mas quando não sabemos onde estão

as nossas pernas, quando se olha para as pernas porque não as sentimos, é totalmente diferente.”, explicou o avançado.

Jordet, Hartman, Visscher & Lemmink (2007) verificaram que vários estudos têm atribuído grande importância ao stress e à ansiedade de ter de marcar uma grande penalidade num Campeonato do Mundo no desempate através deste tipo de lances. Isto porque estes lances decidem o avanço ou eliminação da equipa no torneio ou mesmo se são ou não Campeões. E tendo presente que no Campeonato do Mundo de 2002, 1/5 da população mundial viu o Campeonato do Mundo podemos ter uma pequena ideia do stress que alguns jogadores devem sentir. Os autores falam ainda do facto de os penaltis marcados mais tarde serem mais decisivos, e de provocarem maior ansiedade. Estes autores referem como aspectos importantes na execução a tática (para onde vai marcar o penalti) a técnica (a força de execução e a direcção imprimida) e referem também a oportunidade. Segundo eles esta última leva a que muitos treinadores e jogadores não pratiquem a marcação deste tipo de lances. Outro aspecto que consideram poder afectar a execução são os aspectos fisiológicos (fadiga após 120 min. de jogo), devido a um declínio nas funções cognitivas após esforços prolongados sub-maximais de 2 horas e que irá afectar execução do penalti. Segundo os autores não se verificaram diferenças significativas entre os jogadores que jogaram 90 e 120 minutos e falharam o penalti e aqueles que tinham jogado menos tempo. Contudo verifica-se uma melhor percentagem para aqueles que jogaram menos tempo. Após a vitória de Portugal nos Quartos de Final do Campeonato do Mundo de 2006 Scolari (2006) disse que Ricardo tem evoluído bastante na defesa de grandes penalidades referindo ainda o mérito das defesas já que na sua opinião as grandes penalidades foram razoavelmente bem marcadas, não sendo nenhuma delas executada para fora. Mas refere que isto se deve, em muito, ao trabalho que se tinha efectuado nos treinos afirmando que “O Ricardo teve grande mérito, mas isso também se deve ao bom trabalho de alguém,... o Brassard.”.

Também Ericksson (2006) relativamente à resolução do jogo através das grandes penalidades “Depois chegou a lotaria dos penaltis e tínhamos treinado

muito esta situação – não podíamos ter treinado mais -, mas foi insuficiente, pois falhamos três vezes.”.

Mourinho (2006) no comentário após o jogo, referiu ainda o facto de o primeiro jogador de Inglaterra a executar a grande penalidade ter sido um especialista que já não falhava um penalti à dois anos, e o facto de o seu remate ter sido defendido ter colocado ainda mais pressão sobre os restantes jogadores que viram um dos seus melhores marcadores a falhar. “É uma dose de confiança exagerada e, ao mesmo tempo, um pontapé na autoconfiança dos ingleses.”.

Pode-se assim verificar a atenção que é dada a estes lances e todo o tipo de pormenores que devem ser tidos em consideração.

Para Hughes & Franks (2005) os penaltis devem ser treinados, possibilitando um grande número de repetições aos jogadores para que estes possam treinar uma forma de os executar, devendo ser efectuado na parte final do treino para se aproximar mais das exigências físicas e psicológicas que existem após 2 horas de jogo. Dizem ser necessário acabar com a ideia de alguns treinadores que chegam antes da execução do penalti e perguntam aos jogadores quem se sente em condições de marcar.

Jordet, et al. (2007) defendem a necessidade de se combater a ideia de que este tipo de lances são uma lotaria. Para eles o treino dos penaltis é necessário, pois a sua marcação envolve factores que podem ser influenciados por uma sistemática prática e preparação. A componente que maior importância revelou foi a psicológica, devendo por isso as equipas ser preparadas de acordo com este aspecto. Segundo os autores podem-se aplicar estratégias de controle do stress que reduza a percepção da importância destes lances, bem como fazer acreditar aos jogadores que o treino é que lhes vai influenciar na execução. Pode-se também criar elementos que simulem situações de stress na competição como a atribuição de uma maior importância, através do maior número de espectadores ou a transmissão da informação para a comunicação social.

3. METODOLOGIA

3.1 Objectivo Geral

O presente estudo tem como objectivo analisar o tipo e frequência das bolas paradas (livres, cantos e penaltis) no futebol actual.

3.2. Objectivos específicos

- Elaborar um conjunto de observações que permita verificar o número de golos obtidos a partir de lances de bola parada (livres, cantos e penaltis), no Campeonato Nacional da I Liga e Campeonato do Mundo'2006.
- Detectar em que fase de tempo de jogo ocorrem, com maior frequência, um golos de livres, cantos ou penaltis.
- Mostrar que tipo de execução (directo/indirecto, 1º ou 2º poste, remate rasteiro/alto) nos vários tipos de lances de bola parada, permite a obtenção de um maior número de golos.
- Verificar se existe vantagem na execução dos livres e cantos, por parte de jogadores dextros ou esquerdino, consoante o lado do ataque.
- Realçar que os lances de bola parada permitem desequilibrar o resultado em jogos considerados de maior equilíbrio (a partir dos 1/8 Final no Campeonato do Mundo'2006).

Estes objectivos geram as seguintes **Hipóteses**:

- Os golos derivados de lances de bola parada ocorrem em grande parte dos jogos observados.
- Os livres são a principal forma de obtenção de golos, resultantes de situações de bola parada.

- Na marcação dos pontapés livres, o facto de um jogador dextro marcar do lado esquerdo do ataque e um esquerdino do lado direito favorece a obtenção de golos.
- Os cantos marcados directamente para a zona do 1º poste permitem a obtenção de um maior número de golos.
- A partir dos 1/8 de Final do Campeonato do Mundo, a percentagem de golos marcados na sequência de bolas paradas aumenta, comparativamente à 1ª fase.
- Os golos obtidos através de lances de bola parada são mais frequentes próximos do final do tempo regulamentar de um jogo.

3.3. Caracterização da amostra

A amostra integra 115 golos. 70 obtidos através de lances de bola parada, observados e registados a partir de 92 jogos da 2ª Volta da I Liga Portuguesa 2005/2006 (Quadro 2), incluindo o tempo de desconto atribuído pelo árbitro, bem como os 45 golos também resultantes de lances de bola parada da observação dos 54 jogos do Campeonato do Mundo de Futebol 2006.

Quadro 2 – Jogos observados e número de lances de bola parada analisados.

Número de Jogos Observados	Nº jogos	Nº golos
2ª Volta da I Liga Portuguesa 2005/2006	92	70
Campeonato do Mundo 2006	54	44
• 1ª Fase	38	31
• 1/8 Final	8	5
• 1/4 Final	4	3
• Meia-Final	2	2
• 3º e 4º Lugar	1	1
• Final	1	2

3.4. Observação e registo de dados

Recorreu-se ao videogravador, conscientes das vantagens e desvantagens que este material oferece. Por um lado pode visualizar-se os lances as vezes desejadas, reduzindo ao mínimo os erros de observação; por outro lado, não garantiu, em pleno, a informação desejada em relação à totalidade dos lances de bola parada devido a, por vezes, não se ver a jogada na sua totalidade, o que não ocorreu muitas vezes

O estudo foi baseado na análise de 70 golos de lances de bola parada na I Liga Portuguesa e de 45 golos do Campeonato do Mundo 2006, previamente gravados através dos canais de televisão TVI, SIC, RTP e SPORT TV.

Durante o visionamento dos jogos procedeu-se ao registo do resultado de cada variável, em estudo, numa ficha elaborada para o efeito (Anexo 1).

Para processar os dados foram ainda utilizados os seguintes meios: Computador e Programa Microsoft Excel XP.

3.5. Explicitação das variáveis em estudo

Lances de bola parada – Por lances de bola parada, consideram-se apenas os pontapés de canto, pontapés livre e penaltis executados durante o jogo como base de análise.

Eficácia nos lances de bola parada – Considera-se um lance de bola parada eficaz quando a equipa que o executa marcar golo;

Pontapé de canto directo – Quando o pontapé de canto é marcado pela equipa que dele beneficia directamente para a área (Figura 1).

Pontapé de canto curto - Quando o pontapé de canto é marcado pela equipa que dele beneficia, através de um passe curto para um colega que se aproxima do jogador que executa o canto (Figura 1).

Pontapé de canto para fora de área - Quando o pontapé de canto é marcado pela equipa que dele beneficia, directamente para a entrada da área (Figura 1).



Figura 1 – Tipo de pontapé de canto executado.

Arco da bola interior – Quando o jogador que executa o canto imprime um arco à bola, com a parábola em direcção ao meio-campo. Por exemplo, um jogador dextro a executar o canto do lado esquerdo do sentido do seu ataque. (Figura 2)

Arco da bola exterior – Quando o jogador que executa o canto imprime um arco à bola, com a parábola em direcção à linha de baliza. Por exemplo, um jogador dextro a executar o canto do lado direito do sentido do seu ataque (Figura 2).

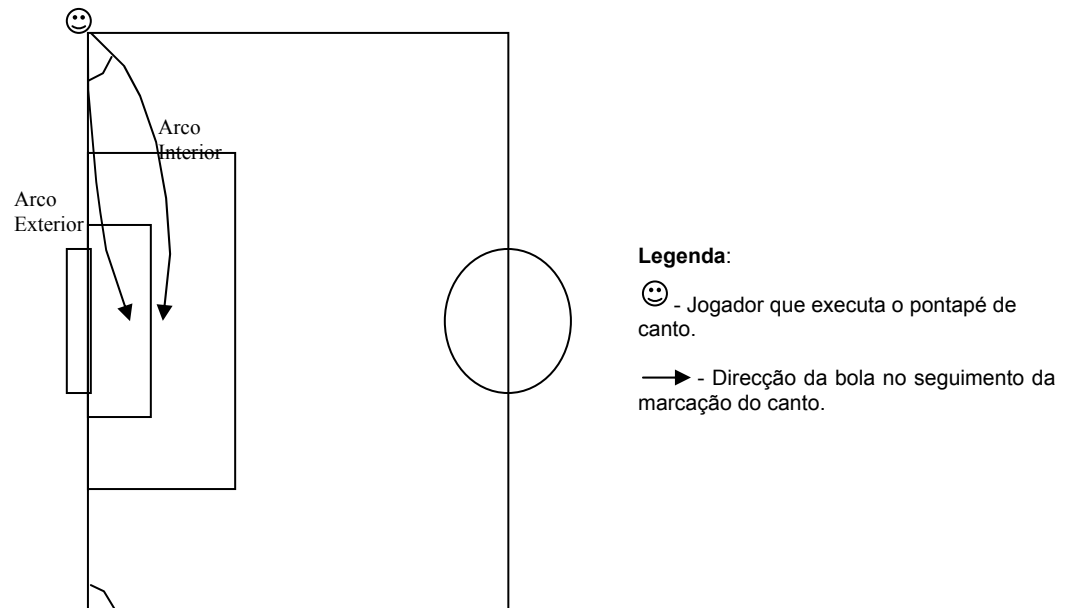


Figura 2 – Tipo de arco imprimido à bola na execução de um pontapé de canto.

Golo na Zona do 1º Poste - Tendo em conta duas linhas imaginárias traçadas longitudinalmente paralelas às laterais, a bola não ultrapassa a 1ª linha que se encontra mais próxima do lado em que o canto é executado. Isto após a bola ultrapassar a linha lateral da grande área (Figura 3).

Golo da Zona Central - Tendo em conta duas linhas imaginárias traçadas longitudinalmente paralelas às laterais, a bola “cai” entre essas duas linhas. Isto após a bola ultrapassar a linha lateral da grande área (Figura 3).

Golo na Zona do 2º Poste - Tendo em conta duas linhas imaginárias traçadas longitudinalmente paralelas às laterais, a bola ultrapassa a 2ª linha, que se encontra mais afastada do lado em que o canto é executado. Isto após a bola ultrapassar a linha lateral da grande área (Figura 3).

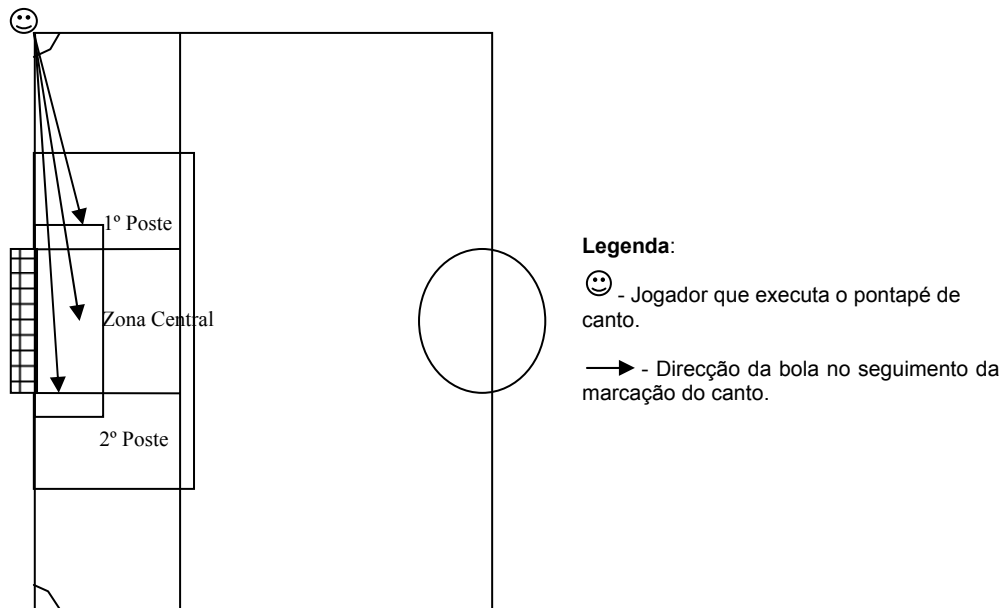


Figura 3 – Zona de queda da bola na execução de um pontapé de canto.

3.6. Fiabilidade da observação

Concluída a definição das variáveis em estudo foi assegurada a fiabilidade dos resultados obtidos através da determinação da fiabilidade intra-observador, em diferentes momentos. É por meio desta que se verifica se o mesmo observador, em diferentes momentos, interpreta e regista de modo idêntico, na mesma situação. Passados quinze dias, desde a primeira observação e registo, procedeu-se a nova observação dos mesmos jogos, em termos de acordos e desacordos, recorrendo à fórmula de Bellack (1996, cit. por Garganta, 1997), para se obter o respectivo índice de fiabilidade.

$$\% \text{ Acordos} = \frac{n^{\circ} \text{ Acordos}}{n^{\circ} \text{ Acordos} + n^{\circ} \text{ Desacordos}} \times 100$$

Como afirma Bellack (1996, cit. por Garganta, 1997), as observações podem ser consideradas fiáveis se o percentual de acordos não for inferior a 85%.

No quadro seguinte (Quadro 3) pode-se verificar as percentagens de acordo das variáveis observadas e concluir que existe fiabilidade na observação, visto os valores estarem acima do que é exigido.

Quadro 3 – Percentual de acordos encontrado para cada uma das variáveis

Variáveis	% de Acordos
Forma (de execução do lance de B.P.)	100%
Lado (da marcação do lance de B.P.)	98%
Nº toques (do lance)	98%
Minuto de jogo (de ocorrência do golo)	100%
Resultado (que estava e ficou após o golo)	100%

3.7. Procedimentos estatísticos

Para analisar os dados recolhidos, utilizamos os procedimentos da estatística descritiva: frequência de ocorrência e respectiva percentagem, média.

4. APRESENTAÇÃO E DISCUSSÃO DOS RESULTADOS

4.1. A eficácia dos lances de bola parada

Dos 197 golos observados durante a 2ª Volta da I Liga Portuguesa 2005/2006, 70 foram obtidos a partir de situações de bola parada, ou seja, pontapé de canto, pontapé livre (directo ou indirecto) e grande penalidade.

Se este número de golos obtidos for traduzido para percentagem, observa-se que corresponde a 36% do total de golos. É portanto um valor bastante significativo que deve ser levado em atenção no Futebol actual.

Já no Campeonato do Mundo de 2006, dos 129 golos analisados, 45 ocorreram na sequência de lances de bola parada, o que corresponde a um valor percentual de 35% (Quadro 4).

Quadro 4 – Frequência e percentagem de golos de bola parada e de bola corrida na I liga e no Campeonato do Mundo de 2006.

	I Liga		Mundial'06	
	Frequência	%	Frequência	%
Nº golos de B.P.	70	36%	45	35%
Nº golos de bola corrida	127	64%	84	65%
Total	197	100%	129	100%

Deste modo pode-se confirmar que beneficiar de um lance de bola parada não significa a obtenção de um golo, pois há grandes probabilidades de não se atingir esse objectivo, mas é uma excelente forma de o alcançar. No entanto continuamos a verificar situações em que as equipas revelam uma frequência de golos muito baixa no que se refere aos lances de bola parada. Hoje em dia, a maioria das equipas de topo, trabalham bastantes aspectos relacionados com criação de situações de finalização e finalização para alcançarem o sucesso da equipa. No entanto ainda há muito trabalho por fazer, em algumas equipas, no que diz respeito ao aproveitamento dos lances de bola parada para atingirem o

golo. Estes já são lances que permitem a obtenção de uma percentagem de golos bastante significativa e, por isso, demasiado importantes para serem deixados ao improvisado. Se os treinadores os ensaiarem durante os treinos, com certeza que vão contribuir para o aumento desta percentagem de golos alcançados.

Ao comparar-se os valores obtidos neste estudo com outros valores obtidos por Jinshan et al. (1993) e Garcia (1995), numa análise efectuada à forma como foram obtidos os golos em vários Campeonatos do Mundo a partir das fases estáticas (bolas paradas): 26% em Espanha 1982; 28% no México 1986; 32% em Itália 1990 e 39% no USA 1994, podemos verificar que os valores obtidos estão dentro da norma alcançada.

Os valores obtidos ficam no entanto abaixo dos que foram obtidos por Ensum et al. (2000) que através da observação efectuada a 26 jogos, observou terem sido marcados 75 golos, dos quais 35 (que correspondem a 47% do total de golos obtidos) através de situações de bola parada.

Se compararmos os valores obtidos neste estudo, com os alcançados por Correia (2003), dos golos que foram apontados na Liga Portuguesa pelos clubes em estudo, 35% do total de golos, surgiram de lances de bola parada e numa observação efectuada no campeonato Espanhol observa-se que esse número foi de 33 golos (21% do total de golos).

Carling, et al. (2005) numa análise efectuada ao Campeonato do Mundo de 2002, demonstram que uma proporção significativa de golos são marcados a partir de situações de bola parada, directamente (quando a bola não é tocada por nenhum adversário) ou indirectamente (quando a bola é cortada por um adversário, mas é de novo recuperada e colocada de volta na zona de perigo). Se esta fase for considerada, podemos verificar que quase metade dos golos são obtidos tendo por base estes lances (48%).

Este elevado número de golos obtidos na sequência de lances de bola parada, surge muito devido ao modo como o futebol actual se tem vindo a desenvolver, onde o contacto físico esta bastante presente, devido à pressão exercida à equipa que possui a bola e que provoca a ocorrência de muitos lances de bola parada.

Pode-se assim constatar que a importância dos lances de bola parada continua a ser bastante elevada e que merece ser alvo de muita atenção.

4.2. A eficácia dos lances de bola parada, na obtenção de golos nos jogos de Futebol

Durante um jogo de Futebol podem ocorrer golos através de lances de bola parada ou não. Os resultados obtidos e apresentados no Quadro 5, permite observar com que frequência este facto ocorre

Quadro 5 – Frequência e percentagem de jogos em que ocorreram golos através de lances de bola parada e nos que não ocorreram na I Liga e no Campeonato do Mundo de 2006.

Fase Prova	I Liga		Mundial'06							
	Freq.	%	1ª Fase	1/8 Final	1/4 Final	Meia-Final	3º e 4º	Final	Freq.	%
Jogos com golos B.P.	56	61%	22	4	3	2	1	1	33	61%
Jogos sem golos B.P.	36	39%	16	4	1 (pen.)	0	0	0	21	39%
Total	92	100%	38	8	4	2	1	1	54	100%

Fazendo uma observação mais pormenorizada à frequência e percentagem de jogos em que ocorreram golos na sequência de lances de bola parada e nos que não ocorreram na I Liga e no Campeonato do Mundo de 2006, pode-se verificar que, no que diz respeito à I Liga verificou-se a ocorrência de golos através de lances de bola parada em 56 jogos, o que corresponde a 61% do total de jogos analisados.

Já no Campeonato do Mundo de 2006 os valores são iguais em termos percentuais, com 61% dos jogos a registarem golos nos 54 jogos alvo de observação.

Podemos, desta forma, verificar a frequência com que ocorrem golos através de lances de bola parada, nos jogos de Futebol. Uma percentagem deste nível (61%) merece certamente uma grande atenção por parte dos responsáveis pelas equipas a nível do jogo.

E se se verificar, com atenção, os valores obtidos no Campeonato do Mundo de 2006, observa-se que a partir dos ¼ de Final em todos os jogos os lances de bola parada tiveram grande influência na obtenção de golos. E no jogo dos ¼ de Final em que não ocorreu nenhum golo durante o tempo regulamentar e mesmo no prolongamento (0-0) acabou por ter de ser resolvido através da marcação de pontapés de grande penalidade. De resto, tanto nas Meias-Finais como na Final os golos obtidos através de lances de bola parada foram decisivos. Quem não se lembrará do penalti marcado por Zidane que eliminou Portugal, ou os golos da Final obtidos 1 através de penalti (França) e outro de canto (Itália) acabando o jogo na decisão do novo Campeão do Mundo, mais uma vez, na marcação de pontapés de grande penalidade.

Os valores alcançados por este estudo vão de acordo aos obtidos por Garcia (1995) onde se verificou que à medida que se caminha dos jogos da 1ª fase para a Final do Torneio, aumentam os golos obtidos através de lances de bola parada, ao inverso do que ocorre com os obtidos através de situações de jogo efectivo.

A importância que se verificou nesta análise, vem de acordo à ideia de que como os jogos são em geral mais equilibrados, a dificuldade em conseguir criar situações de finalização são maiores e por isso os lances de bola parada são um excelente modo de tentar ultrapassar a organização defensiva adversária e finalizar.

Garganta (1997) faz uma análise dos resultados obtidos por Garcia (1995) e afirma que os dados sugerem que com o decorrer da competição aumenta a qualidade das equipas e o equilíbrio entre elas torna-se evidente. Deste modo, os fragmentos constantes do jogo (lances de bola parada) passam a ser determinantes.

Esta ideia é apoiada por Bate (1987) e Hughes (1994) que consideram os golos obtidos através dos lances de bola parada como uma fonte vital a todos os níveis do jogo, devido a constituírem-se como momentos críticos, ou cruciais, que permitem decidir o resultado do jogo, isto para além de constituírem uma percentagem importante do total de golos marcados (30 a 45%).

4.3. A prevalência dos vários tipos de lances de bola parada (livres, cantos e penaltis) na obtenção de golos nos jogos de Futebol

Dos dados obtidos, pode-se observar que os vários tipos de lance de bola parada analisados contribuíram para a obtenção de golos, mas não todos com os mesmos valores. No Quadro 6, são apresentados os valores que permitem verificar este facto.

Quadro 6 – Frequência de golos que ocorrem através dos vários tipos de lances de bola parada analisados (livres, cantos e penaltis) na I liga e no Campeonato do Mundo de 2006.

Golos obtidos de	I Liga	Mundial'06						
		1 ^a Fase	1/8 Final	1/4 Final	Meia-Final	3 ^o e 4 ^o	Final	Total
Livre	34	13	3	1	0	1	0	18
Canto	23	10	0	2	1	0	1	14
Penalti	13	8	2	0 (2jogos)	1	0	1	12
Total	70	31	5	3	2	1	2	44

Ao analisarmos o tipo de lance de bola parada que proporciona o maior número de golos na I Liga Portuguesa de Futebol, verifica-se que os pontapés livres são o tipo de lances segundo o qual se obtiveram mais golos, com 34 (49%), sendo os pontapés de canto o segundo tipo de lance que revela maior frequência com 23 golos (33%), surgindo depois os pontapés de grande penalidade com 13 golos (18%).

Se analisarmos o que ocorreu no Campeonato do Mundo 2006 observa-se a mesma ordem na prevalência dos lances analisados surgindo os pontapés livres com 18 golos (41%), os pontapés de canto com 14 golos (32%) e por fim os pontapés de grande penalidade com 12 golos (27%). O total de golos de lances de bola parada aparece com 44 golos, porque 1 dos 45 golos referidos anteriormente surgiu da sequência de lançamento lateral, que é também um caso de bola parada, mas que foi não analisado neste estudo.

Os valores apresentados vão de acordo aos de Kormelink & Seeverens (1999) referindo estes que, o tipo de lances de bola parada que permite uma maior

percentagem de golos são os livres perto da área, os cantos e os penaltis. No 14º Campeonato do Mundo apenas 5 golos foram marcados através de um pontapé directo para a baliza na sequência de um livre, 13 golos de penalti e os restantes 19 na sequência de livres ou cantos.

Outro estudo que corrobora de valores coincidentes com o apresentado aqui, é o de Ensum et al. (2000) que dos 35 golos marcados, através de lances de bola parada, refere terem ocorrido quinze na sequência de pontapés livres (20% do total de golos), sete através de pontapés de canto (9% do total de golos), sete através de pontapés de grande penalidade (9% do total de golos) e seis a partir de lançamentos de linha lateral (8% do total de golos). Todas estas percentagens somadas, dão um valor de 46% de golos obtidos na sequência de lances de bola parada.

Carling, et al. (2005) numa análise efectuada ao Campeonato do Mundo de 2002, referem que os livres revelam-se o método mais importante, seguido pelos pontapés de canto, tendo sido obtidos 27 de livre, 21 de cantos e 17 de penalti.

Segundo os mesmos autores, em jogos internacionais de Futebol, uma equipa beneficia em média de 12 livres indirectos, 2 livres directos, e 5 cantos por jogo, no terço ofensivo do campo.

4.4. A prevalência dos vários tipos de lance de bola parada (livres, cantos e penaltis), tendo em atenção o número de toques na bola, necessários na obtenção de golos nos jogos de Futebol

No Futebol, os lances de bola parada para resultarem em golo podem ser obtidos na sequência de apenas um toque ou de jogadas com mais elevado número de toques. Para verificarmos quais se registaram com maior frequência deve-se observar o Quadro 7.

Quadro 7 – Número de toques na bola realizados para a obtenção de golos através dos vários tipos de lances de bola parada analisados (livres, cantos e penaltis) na I liga e no Campeonato do Mundo de 2006.

Golos obtidos de	I Liga					Mundial'06					
	Nº Toques	1	2	3	4+	Total	1	2	3	4+	Total
Livre		6	18	8	3	35	6	7	5	0	18
Canto		0	15	4	3	22	0	11	2	1	14
Penalti		13	0	0	0	13	12	0	0	0	12
Total		19	33	12	6	70	18	18	7	1	44

Numa análise efectuada ao número de toques na bola que permitiram uma maior frequência de obtenção de golos nos lances de bola parada, verifica-se que na I Liga Portuguesa, o maior número de golos foi alcançado após 2 toques na bola quer no que diz respeito aos pontapés livres quer na marcação dos pontapés de canto. Nos pontapés livres apenas 6 golos foram obtidos através de pontapés efectuados directamente à baliza. Nos pontapés de canto a grande maioria dos golos (15, correspondentes a 68% do total de golos obtidos de canto), surgiu através de 2 toques, ou seja, marcação do canto directo para a área com finalização imediata.

No Campeonato do Mundo de 2006, no que concerne aos pontapés livres houve uma distribuição bastante equitativa entre os golos que foram obtidos através de marcação directa (1 toque) e os que foram obtidos a partir de 2 toques (ainda assim o maior número registado (7)) e os de 3 toques na bola. Já no que se refere aos pontapés de canto os resultados são idênticos aos obtidos na I

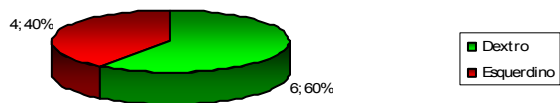
Liga Portuguesa, ou seja, os cantos em que houve apenas 2 toques na bola revelaram maior prevalência, permitindo a obtenção de 11 golos (79%).

Segundo Hughes (1994) os livres directos, podem ser divididos em duas categorias, que são o facto de se estar perante uma boa hipótese de golo, quando se remata directamente à baliza, ou quando apesar de ser um livre directo a probabilidade de se obter golo através de um remate directo é reduzida. De acordo com o mesmo autor, em caso de ser uma boa situação de golo, o livre deve ser marcado directamente, opinião também partilhada por Scovell & Howe (1988). Estes autores acabam assim por ir de acordo aos resultados apresentados, já que quanto menor o número de toques na bola, maior será a frequência de golos obtidos. O facto de ocorrerem maior número de golos após 2 toques na bola, do que aqueles que são executados directamente para a baliza, deve-se ao facto de um grande número de livres de que beneficia a equipa que ataca, não permitirem obter golo através da execução de um livre directo. São mais frequentes pontapés livres que proporcionam a hipótese de se colocar a bola em zona de finalização e daí os valores apresentados.

4.5. A Preferência Lateral do jogador que executa a marcação do pontapé de canto, como factor de obtenção de golos, nestes lances.

Os pontapés de canto são executados sempre na mesma zona (área de canto), consoante a bola sai pela linha de baliza pelo lado direito ou do lado esquerdo da forma como ataca uma equipa. Esta variação de lado da marcação destes lances poderá também ser executada por jogadores com distintas preferências laterais. Na figura 4 pode-se observar de que modo este facto tem influência na obtenção de golos nos pontapés de canto.

Pontapé de Canto do lado direito do ataque



Pontapé de Canto do lado esquerdo do ataque

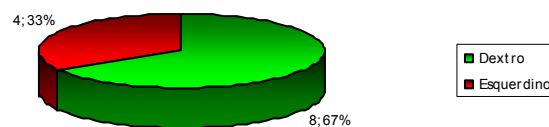
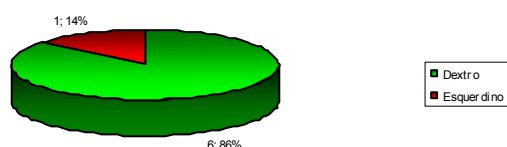


Figura 4 – Análise da preferência lateral do jogador que executa a marcação do pontapé de canto do lado direito e do lado esquerdo do sentido do ataque, na I Liga Portuguesa

Numa observação efectuada à preferência lateral do jogador que efectuou a marcação do pontapé de canto aquando da obtenção de golo, pode-se constatar que na I Liga Portuguesa quando ocorreu do lado direito do ataque, foi a partir da marcação por parte de um dextro que se verificou uma maior frequência de golos (6 - 60%). Mas observou-se um maior número de golos dos pontapés de canto marcados a partir do lado esquerdo do ataque (12 contra 10 do lado direito). Também neste caso, a marcação por parte de um jogador dextro permitiu uma maior frequência de golos (8, correspondendo a 67% dos golos marcados deste lado).

Estes valores podem-se registar devido ao facto de as equipas possuírem jogadores encarregados da marcação dos lances de bola parada e estes serem dextros. Outro factor poderá ser a maioria dos jogadores terem como preferência lateral o lado direito e daí se atingir uma maior frequência de golos. Quando o pontapé de canto foi executado do lado direito do ataque aumentou o número de golos na sequência de lances cobrados por esquerdinos.

Pontapé de Canto do lado direito do ataque



Pontapé de Canto do lado esquerdo do ataque

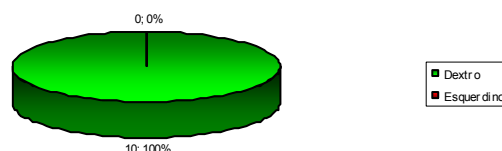


Figura 5 – Análise da preferência lateral do jogador que executa a marcação do pontapé de canto do lado direito e do lado esquerdo do sentido do ataque, no Campeonato do Mundo 2006.

Na análise efectuada aos golos obtidos a partir de pontapés de canto no Campeonato do Mundo'2006 verificou-se que, quando este foi executado do lado direito do ataque, ocorreram 7 golos, sendo 6 deles obtidos após a marcação do pontapé de canto por um jogador dextro e apenas 1 golo por um esquerdino. Já quando o canto foi executado do lado esquerdo do ataque, verificaram-se 10 golos, tendo todos eles sido alcançados após a sua execução por parte de um jogador dextro.

Comparando com os valores obtidos na I Liga Portuguesa, pode-se verificar que continuam a ser os pontapés de canto marcados pelos jogadores dextros que resultaram em maior número de golos.

4.6. A Preferência Lateral do jogador que executa a marcação do pontapé livre, como factor de obtenção de golos, nestes lances.

Os pontapés livres são, como já foi verificado, um modo que permite uma frequência elevada de golos. Podem ser do lado direito ou do lado esquerdo consoante ataca a equipa. Esta variação de lado da marcação destes lances poderá também ser executada por jogadores com distintas preferências laterais. Na figura 6 pode-se observar de que modo este facto tem influência na obtenção de golos nos pontapés livres.

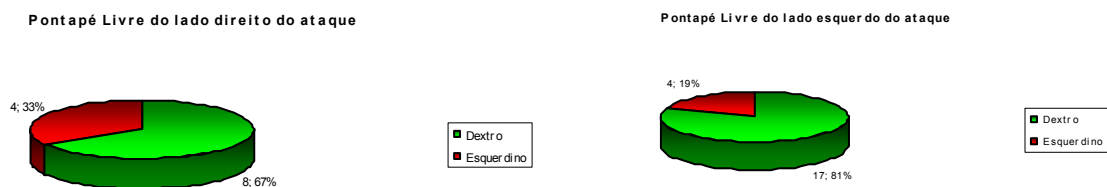


Figura 6 - Análise da preferência lateral do jogador que executa a marcação do pontapé livre do lado direito e do lado esquerdo do sentido do ataque, na I Liga Portuguesa.

Ao analisarmos os gráficos da I Liga Portuguesa verifica-se que, quando os pontapés livres são executados do lado direito do ataque, existe um maior número de golos obtidos através da marcação por dextros, mas ainda assim uma percentagem de 33% foi marcado por esquerдинos, o que indica que será melhor a execução por parte de um esquerдинo deste lado do que do lado esquerdo do ataque, onde a frequência de golos através de pontapés livres marcados por esquerдинos foi de apenas 19% contra os 81% dos dextros.

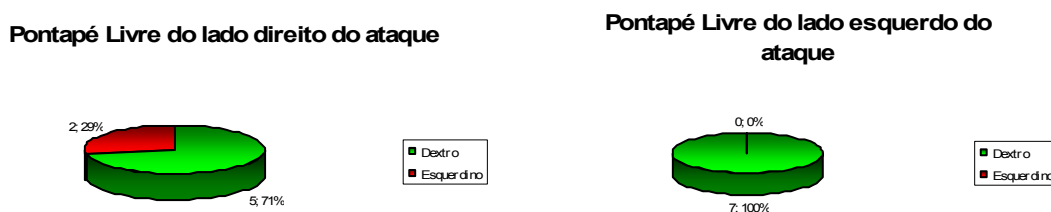


Figura 7 – Análise da preferência lateral do jogador que executa a marcação do pontapé livre do lado direito e do lado esquerdo do sentido do ataque, no Campeonato do Mundo 2006.

No Campeonato do Mundo 2006 verificou-se a mesma tendência, embora com outros valores. De salientar que nenhum golo ocorreu por parte de um esquerдинo do lado esquerdo do ataque. Do lado direito do ataque já se observou a obtenção de golos na sequência de livres marcados por esquerдинos, embora a maioria tenha sido executado por dextros. Este facto pode-se dever à maioria das equipas que possuem jogadores considerados especialistas, estes serem dextros e daí estes resultados.

4.7. A prevalência dos pontapés de canto, no que concerne ao tipo de execução e zona de finalização.

Os pontapés de canto são um lance de bola parada que merece ser analisado com atenção, já que é um elemento que acontece em praticamente todos os jogos e que poderá ser aproveitado para se tentar finalizar. A sua marcação poderá ser efectuada de várias formas e para diferentes zonas de finalização.

Na figura 8 pode-se observar os pontapés de canto, no que concerne ao tipo de marcação e zona de queda da bola, na I Liga Portuguesa.

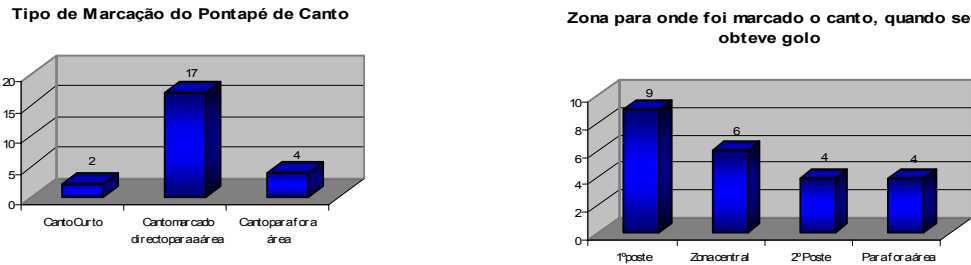


Figura 8 – Análise da prevalência dos pontapés de canto, no que concerne ao tipo de marcação e zona de queda da bola, na I Liga Portuguesa.

Ao verificar-se a forma como foram marcados os pontapés de canto que resultaram em golo, bem como a zona para onde foram executados, pode-se observar que na I Liga Portuguesa, os cantos marcados directamente para a área proporcionaram a grande maioria dos golos 17 (74%), sendo a zona onde ocorreram um maior número de finalizações com golo, a zona do 1º poste (9 golos), seguida da zona central (6 golos).

Pode-se assim observar que os pontapés de canto que permitiram obter maior número de golos, foram os executados directamente para a área. Outro aspecto é que o maior número ocorreu na zona do 1º poste, seguido da zona central. Hughes (1994) refere como a maior fonte de golos através de pontapés de canto, os que são marcados em arco para a zona frontal da baliza. Corrobora ainda dos resultados deste estudo já que refere serem os pontapés de canto executados para a zona do 1º poste a apresentarem uma maior percentagem de golos do que os marcados para a zona do 2º poste.

Carling, et al. (2005) revelam que a maioria dos pontapés de canto, no Campeonato do Mundo de 2002, foram marcados directamente para a área de penalti, verificando-se deste modo 18 dos 21 golos marcados nesta situação.

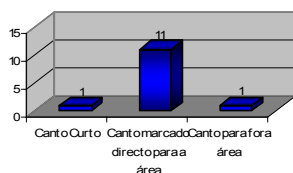
Hughes, 1994; Castelo, 1996; Grant & Williams, 1998; Ensum et al., 2000, vão de encontro aos resultados obtidos uma vez que referem que os cantos longos (marcados directamente para a área) podem resultar de uma trajectória da bola com efeito para dentro (arco interior), ou de uma trajectória com efeito para fora

(arco exterior). Os primeiros, são mais eficazes do que os segundos, pelo que, os cantos com efeito para fora só devem ser utilizados como último recurso, por exemplo, quando um canto é ganho sobre o lado direito do ataque e não existe em campo nenhum jogador que cruze a bola com o pé esquerdo (Hughes, 1994; Castelo, 1996).

Carling, et al. (2005) na sua análise efectuada no Campeonato do Mundo de 2002, também verificaram que pontapés de canto marcados com arco interior apresentam maior percentagem de sucesso na criação de golos. Observaram ainda que, para além do arco interior, aqueles que são marcados para a zona do 1º poste ou meio da baliza, apresentaram mais êxito nas três competições analisadas (Campeonato do Mundo de 2002, Campeonato Inglês e Campeonato da Europa de 2000).

Este facto de os golos terem ocorrido mais na zona do 1º poste fica-se a dever a muitas equipas efectuarem uma marcação homem a homem nestes lances, o que faz com que muitos jogadores se posicionem numa zona mais recuada e depois apareçam em velocidade naquela zona para finalizar, o que se torna extremamente perigoso. Devido a isto é que também já se verifica que várias equipas efectuam uma marcação mista, em que os jogadores que ficam à zona geralmente se situam na zona do 1º poste. O facto de ocorrerem menos golos ao 2º poste deve-se à bola ter de efectuar uma trajectória mais longa e permitir aos defesas terem mais tempo para se reorganizar e atacar a bola.

Tipo de Marcação do Pontapé de Canto



Zona para onde foi marcado o Pontapé de Canto

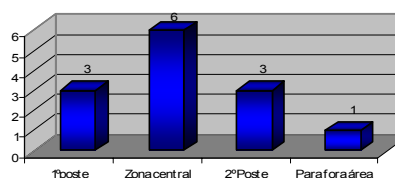


Figura 9 – Análise da eficácia dos pontapés de canto, no que concerne ao tipo de marcação e zona de queda da bola, no Campeonato do Mundo 2006.

Na análise efectuada aos golos obtidos através da marcação de pontapés de canto no Mundial 2006, verifica-se também que os cantos que foram marcados directamente para a área foram os que proporcionaram um maior número de

golos (11, correspondentes a 85%). A zona de finalização de maior prevalência, neste caso, foi a zona central estando a zona do 1º e do 2º poste iguais no que se refere à frequência de golos alcançados, 3 golos cada. A grande diferença que se verifica aqui em relação à I Liga Portuguesa é o facto de ser na zona central que se alcançaram mais golos. Isto pode-se dever ao facto de como nos últimos tempos a zona do 1º poste ter revelado uma maior frequência de golos obtidos, as equipas já entrarem com preocupações defensivas relativamente a esse espaço aquando destes lances.

Quadro 8 – Arco imprimido à bola aquando da marcação dos pontapés de canto, durante a I Liga Portuguesa e o Campeonato do Mundo de 2006, bem como a zona da queda da bola.

	I Liga		Mundial'06		Total
	Arco Interior	Arco exterior	Arco Interior	Arco exterior	
1º Poste	6	1	2	1	10
Zona central	2	5	1	5	13
2º Poste	2	2	3	0	7
Total	10	8	6	6	30

Pode-se neste quadro verificar que na I Liga Portuguesa, quando a bola é batida com arco interior a zona que permitiu maior frequência de golos foi a do 1º poste. Já quando o arco da bola foi exterior a zona que permitiu alcançar mais golos foi a zona central. Estes dados podem-se dever ao facto de, quando o arco é exterior, a bola ser batida um pouco mais recuada para que permita aos avançados atacar a bola com maior eficiência, pois se for batida para a zona do 1º poste poderá ser mais facilmente interceptada pelo Guarda-Redes ou mesmo por um defesa que muitas vezes está no 1º poste.

No Campeonato do Mundo também se verifica a mesma tendência no que respeita aos pontapés de canto batidos com arco exterior, mas nos que são marcados com arco interior não se verifica uma tendência acentuada relativa à zona que permite obter maior número de golos.

4.8. A eficácia dos lances de bola parada, tendo em conta o resultado aquando da obtenção do golo.

Como já foi referido anteriormente, cada vez mais se tem tornado difícil a obtenção de golos no Futebol. A utilização dos lances de bola parada pode ser um meio para atingir esse objectivo e alterar o resultado como se pode verificar no Quadro 9.

Quadro 9 – Determinação da forma como o golo alcançado através de um lance de bola parada, modificou o resultado que se encontrava até aquele momento, quer na I Liga Portuguesa, quer no Campeonato do Mundo 2006 (várias fases).

Fase Prova	I Liga	Mundial'06						
		1ª Fase	1/8 Final	1/4 Final	Meia-Final	3º e 4º	Final	Total
Golo permitiu								
Empatar	18	7					1	8
Passar a ganhar	32	15	5	2	2		1	25
Aumentar vantagem	15	8		1		1		10
Reduzir desvantagem	5	2						2
Total	70	32	5	3	2	1	2	45

Ao cruzar-se os dados da situação em que a equipa se encontra no marcador com a respectiva obtenção do golo através de um lance de bola parada, verifica-se que, na I Liga Portuguesa, permitiu à equipa que marcou passar para uma posição de vencedora no jogo (32 golos), seguida da situação de alcançarem o empate através de golo de lance de bola parada.

No Campeonato do Mundo 2006, também se verificou que a maioria dos golos alcançados (25), permitiu às equipas passarem para uma situação de vantagem no jogo.

Este é um factor que realça ainda mais a importância que possuem estes lances, visto que muitas vezes permitem resolver um problema que se revela bastante complicado, a obtenção do golo, devido às grandes preocupações defensivas existentes e a constante tentativa de se recorrer à falta para evitar a finalização. Deve-se por isso aproveitar essas mesmas faltas para conseguir marcar golo. E o número relativamente elevado de golos que têm sido

marcados parece reflectir já um pouco esta tendência, mas ainda se pode evoluir bastante no aproveitamento destes lances.

O menor número de golos alcançados através deste tipo de lances é quando a equipa já se encontra a perder por uma desvantagem superior a 1 golo. Isto pode-se ficar a dever à equipa deixar de acreditar tanto na possibilidade de pelo menos chegar ao empate e não se empenhar tanto na finalização destes lances. Outra hipótese será a equipa que está em vantagem não ceder tantos lances de bola parada, nomeadamente livres em situações consideradas perigosas para a sua baliza.

4.9. A eficácia dos lances de bola parada, tendo em conta diferentes fases do campeonato.

Numa competição com a configuração do Campeonato do Mundo, as equipas vão sendo eliminadas até à Final. Com o passar das eliminatórias teoricamente, as equipas vão ficando cada vez mais equilibradas. Nestes encontros qualquer jogada reveste-se de grande importância e os lances de bola parada adquirem um relevo especial como é demonstrado no Quadro 10.

Quadro 10 – Percentagem e número de golos marcados através de lances de bola parada ao longo das várias fases do Campeonato do Mundo de 2006.

Fases do Campeonato	Nº golos	Nº golos de LBP	%
Campeonato do Mundo 2006	129	44	34%
• 1ª Fase	99	31	31%
• 1/8 Final	15	5 (+1jogo nos pen.)	33%
• 1/4 Final	6	3(+2jogos nos pen.)	50%
• Meia-Final	3	2	67%
• 3º e 4º Lugar	4	1	25%
• Final	2	2(decidido em pen.)	100%
• 1/8 Final, 1/4 Final, Meia-Final, 3º e 4º Lugar e Final	19	13	68%

Observa-se neste quadro que consoante vai decorrendo a competição aumenta a percentagem de golos obtidos através de lances de bola parada, que começa com uma percentagem de 31% na 1ª Fase, a designada Fase de Grupos regista um ligeiro incremento nos 1/8 Final (33%), aumentando para 50% nos 1/4 de Final, 67% nas Meias-Finais e 100% na Final. O único jogo posterior há 1ª Fase é o da decisão do 3º e 4º classificados, que acaba por ser um jogo de características especiais devido a terem sido duas equipas que tinham acabadas de ser eliminadas da decisão do novo Campeão do Mundo. Os valores apresentados demonstram a importância crescente dos lances de bola parada com o evoluir da competição. Pode-se assim perceber, a importância que estes lances adquirem em jogos tão decisivos como estes e em que o equilíbrio entre equipas é elevado.

De salientar ainda o facto de 4 jogos do Campeonato do Mundo 2006 terem sido decididos através da marcação de pontapés de grande penalidade. Este é um aspecto importante pois a decisão de um jogo desta importância, inclusive a final, através destes lances, é um momento especial, pois o jogador só depende dele e não dos companheiros. Torna-se por isso necessário preparar os jogadores para este possível acontecimento.

4.10. Tempo de jogo em que ocorrem os golos através de lances de bola parada

A obtenção de golos varia ao longo do tempo devido a vários factores. No que se refere aos lances de bola parada essa tendência na obtenção de golos, tendo em atenção o tempo de jogo, é demonstrada no Quadro 10.

Quadro 11 – Número de golos marcados através de lances de bola parada na I Liga Portuguesa e no Campeonato do Mundo de 2006, tendo em conta o tempo de jogo em que ocorrem.

	I Liga	Mundial'06					
Fase Prova		1ª Fase	1/8 Final	1/4 Final	Meia-Final	3º e 4º	Final
Tempo Jogo							
0 - 15	4	5	1				1
16- 30	8	12	1				1
31 -45+	13	5			1		
45 - 60	1	4	1	4			
61 - 75	2	1				1	
76 - 90+	18	5	2				
Prolongamento					1 (129')		
Decisão nos Penaltis				(2 jogos)			(5-3)
Total	46	32	5	4	2	1	2

Ao efectuar-se uma análise ao período de jogo em que foram obtidos os golos através de lances de bola parada pode-se verificar que no que se refere à I Liga Portuguesa de Futebol, os períodos de tempo em que ocorreram maior número de golos foram os últimos 15 minutos de cada parte do jogo (30-45+ e 76-90+). Este aspecto pode-se dever ao facto de no final de cada parte se acumular uma maior fadiga nos jogadores e também existir uma maior dificuldade em termos de concentração, o que permitirá obter um maior número de golos. Como referem Silvério & Srebo (2002) o Futebol exige que os jogadores estejam concentrados durante 90 minutos, o que se revela a maior dificuldade do jogador profissional, transformando o jogo num dos jogos com bola mais difíceis.

Na análise ao Campeonato do Mundo 2006 a tendência observada é que durante a 1ª Fase o período que proporcionou o maior número de golo foi entre os 16-30'. Durante os restantes períodos ouve uma distribuição equitativa pelos

restantes períodos, apenas se registando uma frequência mais baixa entre os 61-75'. Se analisarmos as restantes Fases do Campeonato do Mundo pode-se verificar que nos ¼ de Final os golos através de lances de bola parada foram todos obtidos no período entre os 45-60' e houve dois jogos que foram decididos através do desempate pela marcação de pontapés de grande penalidade. Nas Meias-Finais os golos obtidos foram também nos períodos finais, 31-45+ e no prolongamento do jogo (aos 129'). Já na Final os golos foram obtidos nos dois primeiros períodos do jogo (0-15' e 16-30'). Depois não se verificaram mais golos acabando o jogo por ser decidido na marcação dos pontapés de grande penalidade.

Acontece, portanto, uma situação distinta da ocorrida na I Liga Portuguesa, principalmente na 1ª Fase do Campeonato do Mundo que é o de ocorrer uma maior frequência de golos entre os 16-30'.

5. CONCLUSÕES

De acordo com os resultados obtidos e tendo em conta os objectivos do presente estudo, parece possível retirar as seguintes conclusões:

- No Futebol actual os lances de bola parada têm uma elevada influência na percentagem de golos obtidos numa competição.
- Nos jogos em que se marcam golos, na maioria deles pelo menos um dos golos é obtido na sequência de lances de bola parada.
- A obtenção de golos através de lances de bola parada permite, muitas das vezes às equipas, ganhar vantagem no marcador.
- Pode-se confirmar que numa fase em que as equipas são mais equilibradas e disputam jogos com graus de responsabilidade superiores, como é o caso dos jogos a partir dos 1/8 Final do Campeonato do Mundo, onde uma derrota implica a eliminação, os lances de bola parada tornam-se decisivos na obtenção de golos.
- Os pontapés livres são o tipo de lance de bola parada que permite alcançar uma maior frequência de golos. Estes revelam maior prevalência de golos quando marcados directamente para a área, para um companheiro finalizar. Um menor número de toques favorece a obtenção de golos neste tipo de lances.
- Na marcação de livres a sua finalização é favorecida se o jogador que executar o livre for dextro e marcar do lado esquerdo da forma como a sua equipa ataca e por um esquerdino do lado direito. O facto de os dextros também obterem valores mais elevados deste lado, pode-se dever ao facto de na maioria dessas equipas o jogador dextro ser o escolhido para marcar as bolas paradas.
- Confirma-se a hipótese de que os pontapés de canto que permitem uma maior percentagem de golos são os executados directamente para a área, na zona do 1º poste. Na execução para a zona do 1º poste o arco imprimido à bola deve ser interior.
- A marcação de um pontapé de canto com arco exterior é favorecida quando a bola é dirigida para a zona central.

- Não se confirma totalmente a hipótese de que o período de tempo em que se verificam mais golos na sequência de lances de bola parada é na parte final de cada parte. Na I Liga este é um facto que se confirma mas no Campeonato do Mundo já não.

6. SUGESTÕES PARA FUTURAS INVESTIGAÇÕES

Pensa-se ser importante desenvolver alguns aspectos relacionados com este tema, como:

- Produzir estudos sobre esta temática que incluam na amostra outras competições;
- Entrevistar treinadores e assistir a treinos, para perceber de que forma contemplam os lances de bola parada no seu microciclo semanal;

7. REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS:

- ALI, A. (1987). A statistical analysis of tactical movement patterns in soccer. In T. Reilly, A. Lees, K. Davis & W. J. Murphy (Eds.), *Science and Football*, 302. London – New York. Routledge.
- AMIEIRO, N. (2005). *Defesa à Zona no Futebol. Um pretexto para reflectir sobre o “Jogar”... Bem, Ganhando!* Edição do Autor.
- BANGSBO, J. & PEITERSEN, B. (2000). *Soccer systems and strategies. Champaign. Human Kinetics Editions.*
- BATE, R. (1987) Football chance: tactics and strategy. In T. Reilly, A. Lees, K. Davis e W. J. Murphy (Eds.), *Science and Football*, p. 293. London – New York. Routledge.
- BIDZINSKI, M. (1996). *The Soccer Coaching Handbook.* Reedswain. Spring City.
- BONFANTI, M. & PERENI, A. (1998). *The complete book of soccer restart plays.* Reedswain.
- BRAY, K. & KERWIN, D. (2003). Modelling the flight of a soccer ball in a direct free kick. *Journal of Sports Sciences*, 21, 75–85.
- CARLING, C.; WILLIAMS, M. & REILLY (2005). *Handbook of soccer Match Analysis: A systematic approach to improving performance.* Routledge.
- CASTELO, J. (1992). *Conceptualização de um modelo técnico-tático de futebol. Identificação das grandes tendências evolutivas do jogo e das equipas de rendimento superior.* Tese de Doutoramento. FMH – UTL. Lisboa.
- CASTELO, J. (1994). *Futebol modelo técnico-tático do jogo: identificação e caracterização das grandes tendências evolutivas das equipas de rendimento superior.* Lisboa. FMH.
- CASTELO, J. (1996). *Futebol – A organização do jogo.* Edição do autor.
- COELHO, J. & PINHEIRO, F. (2002). *A paixão do povo: História do Futebol em Portugal.* Edições Afrontamento.

- COMUCCI, N. (1981). Os livres são muitas vezes determinantes num desafio de Futebol. *Futebol em Revista*, 3 (6), 35-37.
- CORREIA, P. (2003). *Posse de bola e eficácia ofensiva em futebol : estudo comparativo entre equipas de nível competitivo distinto e entre a Liga Portuguesa e a Liga Espanhola na temporada de 2002/2003*. Porto. Monografia de Licenciatura. FCDEF-UP.
- CUNHA E SILVA, P. (2003): Entrevista in: Tavares, J. (2003). “Uma noção fundamental - a especificidade: o como investigar a ordem das "coisas" do jogar, uma espécie de invariâncias de tipo fractal”. Dissertação de licenciatura. FCDEF-UP. Porto.
- DUFOUR, W. (1993). Computer – Assisted Scouting in Soccer. In T. Reilly, J. Clarys & A. Stibbe (Eds.), *Science and Football II*, 160-166.
- ENSUM, J.; WILLIAMS, M. & GRANT, A. (2000). *An analysis of attacking set plays* in Euro 2000. *Insight*, 4 (1),36-39.
- FARIA, R. & TAVARES, F. (1996). *Estratégia e Tática nos Jogos Desportivos Colectivos: O comportamento estratégico*. Acerca da autonomia da decisão nos jogadores de desportos colectivos. Centro de Estudos dos Jogos Desportivos da Faculdade de Ciências de Desporto e de Educação Física da Universidade do Porto.
- FERNANDES, I. (2004). *Processo de treino no futsal: Como é perspectivado e operacionalizado pelos treinadores de futsal na alta competição nacional?*. Porto: Tese de Mestrado. FCDEF-UP.
- FERREIRA, J. (2006). *Revista Dragões (Entrevista)*, 255, 10.
- FILHO, J. (2006). *Mário Jorge Zagallo: entre o sagrado e o profano: uma história de vida*. Tese de Doutoramento. FCDEF-UP.
- FRADE, V. (2005). *Apontamentos das aulas de Metodologia Aplicada II*, Opção de Futebol. FCDEF-UP. Porto. Não publicado.
- FRANKS, I. & McGARRY, T. (1996). *The science of match analysis*. In Reilly, T.(Ed.), *Science and Soccer*. FN. Spon. 265-275.
- FREITAS, S. (2004). *A especificidade que está na «concentração tática» que está na ESPECIFICIDADE... no que deve ser uma operacionalização*

- da «*Periodização Tática*». Porto: Monografia de Licenciatura. FCDEF–UP.
- GARCIA, J. (1995). *Un Mondiale a Palla Ferma*. Notiziario Settore Técnico – FIGC (6), 26-36.
 - GARGANTA, J. (1993). *O Ensino do Futebol - Questões metodológicas*. Comunic. apres. ao Seminário: A formação e o desenvolvimento do jovem praticante de Futebol, organizado pelo Leixões Sport Clube, 20 de Novembro de 1993, Câmara Municipal de Matosinhos.
 - GARGANTA, J. (1997). *Modelação da dimensão tática do Jogo de Futebol*. Porto: Tese de Doutoramento. FCDEF–UP.
 - GARGANTA, J. (1998). Analisar o jogo nos jogos desportivos colectivos: uma preocupação comum ao treinador e ao investigador. *Horizonte*, V. XIV, 83, 7-14.
 - GARGANTA, J. & CUNHA e SILVA, P. (2000). O jogo de futebol: entre o caos e a regra. *Horizonte XVI* (91), 5-8.
 - HORN, R. & WILLIAMS, M. (2002). A Look Ahead to world Cup 2002: What do The Last 40 Years Tell Us? *Insight 5* (2), p. 27-29.
 - HOWE, D. & SCOVELL, B. (1988). *The Handbook of Soccer*. Barcelona. Ediciones Martinez Roca, S. A.
 - HUGHES, C. (1990). *The Winning Formula*. London. Collins.
 - HUGHES, C. (1994). *The Football Association Coaching Book of Soccer Tactics and Skills*. London. British Broadcasting – Corporation and Queen Anne press.
 - HUGHES, M. & FRANKS, I. (1997). *Notational Analysis of Sport*. London. F e FN SPON.
 - HUGHES, M. & FRANKS, I. (2005). *Notational analysis of sport: systems for better coaching and performance in sport*. London. Routledge.
 - JINSHAN, X.; XIAOKE, C.; YAMANAKA, K. & MATSUMOTO, M. (1993). Analysis of the goals in the 14th World Cup. In T. Reilly, J. Clarys & Stibbe (Eds.), *Science and Football II*, 203-214. London.

- JORDET, G., HARTMAN, E., VISSCHER, C. & LEMMINK, K. (2007). Kicks from the penalty mark in soccer: The roles of stress, skill, and fatigue for kick outcomes. *Journal of Sports Sciences*, 25(2): 121 – 129.
- KORMELINK, H. & SEEVERENS, T. (1999). *Match Analysis and Game Preparation*. Reedswain Inc.
- LEAL, M. & QUINTA, R. (2001). *O treino no Futebol – Uma concepção para a formação*. Edições APPACDM de Braga.
- LOURENÇO, L. (2004). *José Mourinho*. Prime Books. Camarate.
- LUHTANEN, P. (1991). A statistical evaluation of offensive actions in Soccer at World Cup level in Italy 1990. In Reilly, T., Clarys, J. & Stibbe, A. (Eds.), *Science and football II*, p. 205. Routledge.
- MARINA, J. (1995). *Teoria da inteligência criadora*. Lisboa. Caminho da Ciência.
- MESA MESA, J.L. & GUTIERREZ, A. (2001). *Hacia un mayor conocimiento del lanzamiento de penalti en futbol. / Towards a better understanding of the penalty shot in soccer*. 7 (35). Disponível na base de dados SportDiscus.
- MILLER, R. (1994). *Charting to Win*. Scholastic Coach & Athletic Director, 64 (5), 62-65.
- MOMBAERTS, E. (1991). *Football – De l’analyse du jeu à la formation du joueur*. Éditions Actio. Joinville-le-Pont.
- MORRIS, D. (1981). *A Tribo do Futebol*. Mem-Martins. Europa-América,
- MORYA, E.; BIGATÃO, E.; LEES, A. & RANVAUD, R. (2005). Evolving Penalty Kick Strategies: World Cup and Club Matches 2000-2002. In Reilly, T., Cabri, J. & Stibbe, A. (Eds.), *Science and football V*, 237. Routledge.
- PACHECO, R. (2005). *Segredos de Balneário – A palestra dos treinadores de futebol antes dos jogos*. Prime Books. Camarate.
- PINTO, J. (2004). *Notas de Curso de Didáctica de Futebol - 4º ano. Alto Rendimento - Opção de Futebol*. FCDEF-UP. Porto.

- PINTO, J. & GARGANTA, J. (1989). Futebol português: importância do modelo de jogo no seu desenvolvimento. *Horizonte: Revista de Educação Física e Desporto*, V. VI, 33, 94 – 108.
- PINTO, J. & GARGANTA, J. (1998). O Ensino do Futebol. In *O Ensino dos Jogos Desportivos*, p. 95-135. A. Graça & J. Oliveira (Eds). CEJD. FCDEF-UP.
- OLIVEIRA, B. (2002). *Um embuste, a qualidade do futebol italiano?: um novo ponto de partida: a estrutura acontecimental da...carga versus desempenho (como caminho da coincidência a não - coincidência ou da verdade ilusão a verdade iludida*. Monografia de Licenciatura. FCDEF-UP.
- OLSEN, E. (1988). An analysis of goal scoring strategies in the World Championship in México, 1986. In T. Reilly, A. Lees, K. Davis e W. J. Murphy (Eds.), *Science and Football*, 372-376. London – New York.
- RODRIGUES, N. (2000). *A Marcação de livres no futebol: estudo comparativo da frequência, localização e eficácia, em equipas de diferente nível competitivo*. Monografia de Licenciatura. FCDEF-UP.
- SANTOS, A. (2002). Enquadramento geral do lançamento de linha lateral. *Training*, 26-29.
- SCOVELL, B. & HOWE, D. (1988). Manual de fútbol. Barcelona. Ediciones Martinez Roca.
- SILVA, A. (2004). *Padrões de jogo no processo ofensivo em futebol de alto rendimento: Análise dos jogos da segunda fase do campeonato do mundo Coreia-Japão 2002*. Porto: Tese de Mestrado. FCDEF-UP.
- SILVÉRIO, J. & SREBO, R. (2002). *Como Ganhar Usando a Cabeça*. Quarteto Editora. Coimbra.
- SLEZIEWSKI, D. (1987); XIII Campeonatos Mundiales de Fútbol, Mejiço'86. Análisis de las acciones de gol. *El entrenador Español (Fútbol)*, 34: 8- 17.
- TAVARES, G. (1997). As coordenadas comunicacionais Espaço-Tempo no Jogo de Futebol. *Revista Horizonte*, V. XIII, 76, 9-14.

- TAYLOR, J.; JAMES, N. & MELLALIEU, S. (2005). Notational analysis of corner kicks in English Premier League Soccer. In Reilly, T., Cabri, J. & Stibbe, A. (Eds.), *Science and football V*, 225. Routledge.
- TEODORESCU, L. (1984). *Problemas de teoria e metodologia nos jogos desportivos*. Lisboa. Edições Livros Horizonte.
- VALDANO, J. (1997). *Los cuadernos de Valdano*. Madrid. Aguilar.

Artigos de Imprensa:

- Vilas Boas, A. (25-06-2006). Jornal da Tarde da SIC.
- Vilas-Boas, A. (10-07-2006). Jornal "O Jogo".
- Ronaldo, C. (02-07-2006). Jornal "O Jogo".
- Beckham, D. (05-01-2007) Reportagem "David Beckham; SporTv.
- Ericksson, S. (02-07-2006). Jornal "O Jogo".
- Eriksson, S. (06-06-2006). Jornal "Record".
- FIFA (2005); Leis de Jogo (Livro de curso de treinadores)
- Postiga, H. (04-07-2006). Jornal "Record".
- Jardel, M. (22-08-2006). Jornal "O Jogo".
- Ferreira, J. (21-09-2006). Jornal "O Jogo".
- Alves, J. (04-07-2006). Jornal "Record".
- Jornal de Notícias (24-12-2006). "Dragões não precisam de bolas paradas para marcar".
- Couceiro, J. (30-08-2006). Jornal "O Jogo".
- Mota, J. (21-09-2006). Jornal "O Jogo".
- Mourinho, J. (02-07-2006). Jornal da Noite da SIC.
- Owen, M. (06-07-2006). Site "MaisFutebol".
- Pélé (04-07-2006). Jornal "O Jogo".
- Scolari, F. (02-07-2006). Jornal "O Jogo".
- www.FIFAworldcup.com (12-07-2006).

8. ANEXOS

